



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

De Passagem

AUTOR

Luísa Costa Gomes

ANO

2014

2015 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea

www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

Luísa Costa Gomes

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

De Passagem

AUTOR

Luísa Costa Gomes

ANO

2014

Este texto teve estreia em 2014
na Árvore - Cooperativa de
Actividades Artísticas, Porto.
Encenado por Jorge Pinto.

2015 Coimbra



Luísa Costa Gomes

1954. Nascida em Lisboa. Licenciada em Filosofia. Professora do Ensino Secundário até 2010. Contista, romancista, dramaturga, dramaturgista, argumentista, cronista, tradutora. Orientou uma Pós-Graduação em Escrita Literária na Universidade Lusófona nos anos noventa. Orientou várias Oficinas de Escrita de Conto, de Escrita para Teatro e de Tradução Literária. Orienta uma Oficina de Ficção Breve na Pós-Graduação em Artes da Escrita na Universidade Nova de Lisboa. Publicou, desde 1981, cinco colecções de contos (*Treze Contos de Sobressalto*, *O Gémeo Diferente*, *Contos Outra Vez*, *Império do Amor e Setembro e outros contos*), uma narrativa (*Amheim&Desirée*), oito romances (*O Pequeno Mundo*, *Vida de Ramón*, *Olhos Verdes*, *O Defunto Elegante* - com Abel Barros Baptista - *Educação para a Tristeza*, *A Pirata*, *Ilusão ou o que quiserem* e *Cláudio e Constantino*). Publicou treze peças de teatro: *Nunca Nada de Ninguém*, *Clamor* (sobre textos do Padre António Vieira), *O Último a Rir*, *O Céu de Sacadura*, *Vanessa Vai à Luta*, entre outras. As peças foram encenadas no ACARTE (Fundação Gulbenkian), Teatro Nacional D. Maria II, Teatro Nacional de S. João, Teatro Rivoli, Teatro Camões (ópera *Corvo Branco*, de Philip Glass e Robert Wilson na EXPO 98), Teatro Villaret, Auditório dos Oceanos, etc. Em 2011, *Vida de Artista* inaugurou o Teatro do Bairro em Lisboa, onde também se representou *Comédia de Desenganos*, sempre com o encenador António Pires. Em Novembro, *Dias a Fio*, encenado por Ana Tamen, comemora entre outras coisas os vinte anos de *Nunca Nada de Ninguém*, no Teatro Municipal de São Luiz. Novamente no Teatro do Bairro, em 2013, *Actor Imperfeito/ Unperfect Actor*, peça bilingue construída com os sonetos de Shakespeare. Em 2014 continuava em cena *Lar Doce Lar*, com Maria Rueff e Joaquim Monchique e o Ensemble encenou *De Passagem* nos jardins da Cooperativa Árvore no Porto. Em Outubro estreou *Estamos Todos?*, com o actor José Pedro Gomes, no Auditório dos Oceanos. Publicou ainda três livros para crianças (*A galinha que cantava ópera*, *Trava-Línguas* e *Dom Mínimo, o anão enorme*) e uma colecção de crónicas *Isto e Mais Isto e Mais Isto*. Dirigiu entre 2000 e 2010 a revista *FIÇÕES* (revista de contos) de que se publicaram 22 números e que se encontra online no Centro Virtual Camões. Traduz filmes, teatro e ficção. Colabora desde 2015 com a revista online *Forma de Vida* e escreve no seu blogue *Suplemento Cultural*.

NOTA INTRODUTÓRIA

De passagem, peça encenada por Jorge Pinto no Jardim da Cooperativa Árvore, no Porto, em Julho de 2014, começou por ser uma opereta em Inglês, escrita em 1985. O texto original, de umas cento e cinquenta páginas, é uma comédia com canções em cinco actos. Existe em manuscrito, na posse de Emília Silvestre e Jorge Pinto do Ensemble, Sociedade de Actores (www.ensembledeactores.com).

Em 2012 a peça foi traduzida e totalmente rescrita com o título *Roberto de Passagem*, foi reduzida para quatro actos e dez actores.

Em 2013 voltou a ser rescrita com o título *Passagem* e reduzida para um prólogo, três actos e um epílogo, para cinco actores. Foi este o texto que se encenou no Porto, com o título *De Passagem*, em 2014 e que adiante se apresenta completo.

O espectáculo foi dedicado à memória do nosso querido amigo Álvaro Garcia de Zuñiga, que nos deixou de repente, levado por uma fatalidade absurda.

Just passing through

Characters

Rupert Mercier, the Travelling Young Man
Philip Cameron, the Old Man in the Hills
The Gypsies - Old Host, Old Man, Man, Noelle
Host the Boy and Host

Percy and Boyle - the Lovers of Natural Mathematics
Steve and Ruth Harkin - the Lovers of Well-Trimmed Gardens
Ford Harkin - the unbearable infant

The ice cream man	}
The souvenir woman	
Two policemen	

ACT ONE

(Rupert comes in from the left, pedalling along. The scenery unfolds backstage, a huge vertical roll of paper, like a gigantic photographic film, showing colourful landscapes, the sea and seagulls, mountains, trees and here and there painted people waving goodbye. Rupert looks around approvingly, his cap turned backwards as if he were racingⁱⁿ the Tour de France. He wears shorts and a UCHA T-shirt; he tries to find a way to come to a compromise between rightreasing and driving, leaning over the wheel, his back hunched, while tilting his head to one side and ~~another~~, shiving to delight in the view.

Though Lili is not a racing bicycle, it is elegant and swift. It will probably have to be set on a rail, so that Rupert won't lose his balance, pedalling slowly ~~through~~^{across} the stage).

Rupert - (to the bicycle) - Come on, Lili, come on, you can make it! (Pedalling with some effort). Come on, it'll be over soon. It's not that steep. That a girl! There. (Breathes deeply). Hey, we're rolling like mad! Look at us! Ha! Ha! Smell that air! Can you believe it? Five o'clock in the afternoon and still hot as hell! Beginning of October! Incredible country! What ~~the~~ weather! Look, vineyards. At least I think they're vineyards. It sure doesn't look like corn. (Pauses. Breathes). (Sings brightly at the top of his voice).

142

started as they should. (Pause). Leave me alone, hope! (Violently). Leave me alone, hope! (Pause) Until the last minute, you hope. You hope that hope will leave you alone. To be able to resign yourself to what's to come. To understand, finally, to understand in your bones that your turn has come. (Pauses).

What are you waiting for, damn it? ^{for them to} ~~that~~ they find the cure for the fucking disease? Oh, drop dead!

^{Fat chance} ~~that~~ they'll find the cure for the fucking disease while I'm still alive! Tomorrow! Day after tomorrow?

(Pauses). And still, I hope. (Cameron lowers his head, rocks). And still, I hope. I hope. I hope.

(Rupert opens the door and the gun goes off, in a whirl of rounds, bells, drimes, pieces of glass. Rupert runs out to Cameron).

Rupert - Oh, my God! Oh, my God! What have I done? What have you done? Cameron, Cameron, for God's sake, open your eyes! Cameron! (Looks around). What happened? A trap? I was caught in a trap ... he was caught in ... he set up a trap ... Oh, my God, what am I going to do?

(He sits on the steps looking miserable, hides his face in his hands, then braces himself). What am I going to do? The man is dead, ^{stone cold} ~~completely~~ dead!

that shot cut through him like a canon ball.

He's so dead! And I killed him! He made me. He used me as a trigger. Just look at that stupid device! The man was a lunatic, you'll have to grant me that! It would have been more honest to ask me plainly if I ^{would} ~~could~~ shoot him down! I probably would have done it. He was getting on my nerves. (Pauses). (Gets up). What am I saying?

☆ a joke, no?

“De Passagem” – a Sinopse

O jovem **ROBERTO** tirou um ano para ver o mundo. Chamem-lhe viagem iniciática, naquela tradição perdida do *Grand Tour* romântico. Vai de bicicleta, uma concessão à modernidade, de mochila às costas, sem rumo, desenhando paisagens aquáticas onde as encontra. Quando chega ao topo de uma montanha, no ermo, encontra **ANTÓNIO**, que nele se retirou, em conflito com a Natureza circundante. **ANTÓNIO**, doente, luta com a sua incapacidade de pôr termo à vida. **ROBERTO** apercebe-se, ao cair dessa noite, que lhe roubaram a mochila com tudo o que ele tinha. Dividido entre procurar os seus bens e deixá-los seguir caminho, decide passar a noite em casa de **ANTÓNIO**. E este usa o bom **ROBERTO** como arma involuntária para se suicidar. Pelas mesmas pitorescas montanhas deambulam, pedestres, dois cavalheiros cuja generosidade raia os limites da loucura. **DOMINGOS** e **AUGUSTO** são testemunhas benévolas das consequências do “crime” de **ROBERTO**. Pelas serranias floridas anda também **MARIA RITA**, com seu filho e marido, procurando (mas não excessivamente) o pai desaparecido.

“De Passagem” – a História

“De Passagem” começou por ser uma opereta em cinco actos, em Inglês, cujo tema eram diversas formas de economia. Data de 1985 e chamava-se *Just passing through*. Tinha, na versão original e nas versões anteriores em Português, toda uma secção sobre a *economia de mercado*, representada por um grupo de ciganos de opereta, que tudo roubavam para vender, estabelecendo uma permanente atmosfera de desconfiança, mas também da alegria das feiras, da energia do engano e da manipulação, ou seja, o júbilo do valor acrescentado, do valor inventado, do valor concreto de uma ilusão.

As personagens de Domingos e de Augusto, que no original eram Percy e Boyle, representavam a economia do *potlatch*, praticada por algumas tribos do Canadá como os Kwakiutl, hoje praticamente extintos, *et pour cause*, e também na Melanésia. O *potlatch* é uma competição pela dádiva, em que o valor e a qualidade dos bens dados como presente são sinais do prestígio de quem dá. Dar é a medida do estatuto social dentro da tribo: quem mais dá, mais pode e mais vale. Isto cria uma verdadeira competição pelo endividamento, escravizando, no final, a pessoa que oferece, obrigando quem recebe a retribuir de forma ainda mais generosa, e escravizando por sua vez aquele que recebeu. É uma economia da perversão da dádiva, que foi substituída nas versões em Português por uma economia da dádiva pura, que provoca um prazer quase viciante – lembramos o Fra Ginepro, companheiro de Francisco de Assis, que não podia ver um pobre sem lhe dar a túnica, aparecendo na choupana dos frades sempre nu! Maria Rita, a mãe (com o marido apenas em efígie, como grande parte das mães), representa a economia que nunca aparece contabilizada, a economia do amor humano, que aparece ofuscante no amor materno: que é dádiva narcísica, um dar-recebendo, uma troca que nos primeiros anos se faz sobretudo consigo própria, projectando na figura do filho imagens de si e de outros seres por si construídos.

Faz pensar no poema de Herberto Helder : *"No sorriso louco das mães batem as leves/ gotas de chuva. Nas amadas caras loucas batem e batem/os dedos amarelos das candeias./Que balouçam. Que são puras./Gotas e candeias puras. E as mães/ aproximam-se soprando os dedos frios./Seu corpo move-se/pelo meio dos ossos filiais, pelos tendões/e órgãos mergulhados,/e as calmas mães intrínsecas sentam-se/nas cabeças filiais./Sentam-se, e estão ali num silêncio demorado e apressado/ vendo tudo,/e queimando as imagens, alimentando as imagens/enquanto o amor é cada vez mais forte./E bate-lhes nas caras, o amor leve./O amor feroz."*

*

É curioso que se pense no Beckett do *À espera de Godot* quando se lê *De Passagem*. Salvaguardadas todas as devidas distâncias, Percy e Boyle foram homenagem. Domingos e Augusto estão em muitos aspectos deliberadamente construídos para serem o anti-Vladimir e o anti-Estragon, sem serem antíteses ponto a ponto. São homens que, como queria Bruno Schulz, "amadurecem para a infância". Dois passeantes cuja candura, brio, alegria, deslumbramento genuíno e moral pelas belezas do mundo, cuja *joie de vivre* e optimismo tresloucado querem ser uma afirmação amorosa, humorosa e humorística sobre a nossa passagem neste vale de lágrimas.

PERSONAGENS

O jovem viajante, **ROBERTO**

O morituro, **ANTÔNIO**

DOMINGOS e **AUGUSTO**, viajando a pé

MARIA RITA, com seu Marido, **MARLÔN** (em efígie)

PRÓLOGO

(Manhã de sol à beira de um caminho serrano. DOMINGOS e AUGUSTO, à esquerda, contemplam um prado tão verde e tão florido como se conseguir imaginá-lo).

AUGUSTO *(condóido)* – E bateram-lhe?

DOMINGOS *(prazenteiro)* – Se me bateram? Claro que me bateram. Era o que tinham para me dar.

AUGUSTO – E você? O que é que lhes deu?

DOMINGOS – Virei-me para o outro lado e continuei a dormir.

AUGUSTO – É de uma fleuma! Quem me dera.

DOMINGOS – Naquele momento não soube o que havia de lhes dar em troca.

AUGUSTO – A parada estava alta. E foi com varapaus?

DOMINGOS – Não, foi com a mão.

AUGUSTO – É mais íntimo.

DOMINGOS – É corpo a corpo. Dá trabalho.

AUGUSTO – Até o aqueceram! É que podiam não lhe ter batido...

DOMINGOS – Ignoravam-me, simplesmente, e passavam.

AUGUSTO – Porque não ficou comigo quando lhe pedi tanto?

DOMINGOS – Tem de me desculpar.

AUGUSTO – Você estava a sonhar, admita.

DOMINGOS – Sim, aquele sonho.

AUGUSTO – Não ia agora interromper com...

DOMINGOS – Sei lá quando é que volto a sonhar!

AUGUSTO *(num gesto largo que abrange tudo)* – Gosta?

DOMINGOS – Muito.

AUGUSTO – Dê-me o prazer de aceitar.

DOMINGOS – Obrigado.

AUGUSTO – Eu é que agradeço. Eu é que lhe agradeço.

ACTO I

(Fim de uma tarde de Verão. Pequena casa de madeira isolada no meio de um bosque. À esquerda um monte de lenha e a secção de um tronco vertical a servir de banco rústico. Ambiente idílico, sombreado. Silêncio embalado p'lo marulhar da folhagem na brisa, o trinado ocasional do passarinho, o ladrar do remotíssimo cão, o ralar de uma cigarra ou outra mais tardia. ROBERTO, no esplendor dos seus vinte anos, entra pela direita com a bicicleta à mão. Pára diante das escadas da casa. Olha em volta, com agrado. ANTÓNIO, no dealbar da velhice, abre distraidamente a porta e pára no alpendre. Só quando ROBERTO fala é que ANTÓNIO dá por ele.)

ROBERTO – Vive aqui?

ANTÓNIO – É o fim da linha. O terminal.

ROBERTO – É isolado.

ANTÓNIO – Podia ser mais.

ROBERTO – Só no céu!

ANTÓNIO – Mas encontrou-me.

ROBERTO – Não andava à sua procura.

ANTÓNIO – Alguém o viu?

ROBERTO – Eu não vi ninguém.

(ANTÓNIO desce a escada e pára no último degrau. Observa ROBERTO, de cenho carregado, enquanto o jovem estaciona a bicicleta na direita baixa e se aproxima de ANTÓNIO).

ROBERTO – Vim por aí acima, da estrada vê-se o fumo.

ANTÓNIO – É a lareira.

ROBERTO – É, à noite arrefece. Prepara-se com alguma antecedência...

ANTÓNIO – Faça planos a curto prazo.

ROBERTO – Por um momento pensei que não houvesse ninguém, fazia como se estivesse em minha casa, acendia o lume, comia qualquer coisa, fumava um cigarro, procurava com que me entreter e, não encontrando, desenhava qualquer coisa, à vista. Mas afinal prefiro a casa habitada. É mais acolhedor.

ANTÓNIO – Chama-se?

ROBERTO – Roberto.

(ROBERTO estende-lhe a mão, que ANTÓNIO aperta).

ANTÓNIO – Que espécie de pessoa é que você é? Trabalha, faz alguma coisa, anda a passear?

ROBERTO – Tirei um ano para ver o mundo.

ANTÓNIO – E fica visto. O que lhe parece, o mundo? Acha pitoresco? E você, como espectador, quando vê o mundo, é dos contemplativos? É todo “ah!” e “oh!”? Ou é crítico? Vê lixeiras dos mirantes, vê espécies que quase não existem? É um entusiasta? Satisfaz-se com uma flor de azeda na berma do caminho apenas porque é amarela? Ou só lhe enche as medidas um pôr-do-sol de arromba como um fogo-de-artifício?

ROBERTO – Eu tenho prazer em olhar.

ANTÓNIO – Mas não lhe dá prazer a bosta fumegante da vaca que acabou de passar, aliviando-se.

ROBERTO – Não me importo. Mas prefiro a tal flor da berma.

ANTÓNIO – É quase um artista. Ama o belo protocolar.

(Trina um passarinho. ROBERTO vai responder mas ANTÓNIO volta-se para a direita e grita) Calado! Cala o bico! *(O passarinho não trina mais)*.

Enlouquece-me este constante pipilar da Natureza! Os bichos não falam uma linguagem que se entenda! A mulher pecou na origem e até hoje é este caos! A serra e a sua passarada! Oiço um cão ladrar toda a noite a dez quilómetros! O que pretende ele? Tem medo? Tem fome? Teve algum contratempo? Não se sabe! Eu oiço bem, na minha idade é uma maldição. Não me interessa ouvir e não me interessa nada do que oiço e, no entanto, oiço. Folhas a crescer, o restolho a amparar os bichos, oiço os javalis a roçarem-se nos troncos! O pássaro ainda me obedece, o cão só a tiro!

ROBERTO *(incomodado, mudando de conversa)* – A casa é sua?

(ANTÓNIO aproxima-se de ROBERTO e põe-lhe a mão suavemente no braço).

ANTÓNIO – É sua a força da idade. Vinte anos? *(ROBERTO assente.)* Mostre as mãos! *(ROBERTO mostra as mãos)*. Tem os dedos todos! A pele suada! E um olhar! Esse brilho, há quem diga que vem da pureza da alma, mas não é verdade. São as córneas intactas. O cristalino, cristalino. As células novas a estrear. Tudo irrigado, bem hidratado!

(Com rancor crescente) Aposto que veio por aí acima a cantar, com o vento na cara, e nem parou, nem sequer precisou de tomar fôlego! Não se cansou? Mas é claro que não se cansou! Perdoe-me esta pergunta de velho.

(ROBERTO vai a sentar-se no banco, ANTÓNIO interfere) Não se sente aí! *(ROBERTO levanta-se)* Isso está cheio de formigas! Não consigo dar cabo delas todas. Mato-as num dia e no outro dia tenho de as matar outra vez.

ROBERTO – Eu não tenho medo de formigas.

ANTÓNIO – Não as mato por medo. É uma preocupação minha ecológica. Há formigas a mais.

(ANTÓNIO inspecciona o tronco, pega numa vassoura de pau curto e varre-o com violência. Quando acaba, convida ROBERTO sentar-se com um gesto seco. ROBERTO senta-se. Ouve-se um grilo).

Cansou-se um pouco? Um cansaço bom. Sem relevância clínica. Saiu da estrada confiante, enterneceu-se com alguma cena natural, pormenores da paisagem, estava um lindo dia, etc., e aqui chegado, aparece-lhe como numa pagela a cabaninha com o alpendre, imagem sacra, de um romantismo quase alemão, só lhe falta uma *fräulein* alpina de farta trança loira, ou mais prosaicamente, a Joanhinha dos olhos verdes debruçada à varanda sobre o jardim suspenso das suas sardinheiras... Toda rosada! Os peitinhos espreitando do peitilho! *(Exasperado)* Detesto sardinheiras! Mas quem é que inventou a sardinha? Oh, escute lá! Agora é o grilo! Que sarna!

(ANTÓNIO dirige-se para o som do grilo, ameaçador. ROBERTO levanta-se, incomodado e aproxima-se da bicicleta).

ROBERTO – Está a ficar escuro.

ANTÓNIO – Fartou-se do sossego? Compreendo. Isto das árvores é madeira, não tem muito que se veja. O cenário é compostinho, escadas regulares, a porta ao centro, uma janela de cada lado, uma harmonia respeitável para descanso de comerciais, de merceiros... E o resto é tronco bruto.

ROBERTO – Vou andando.

ANTÓNIO – Está com pressa? Tem de fazer?

ROBERTO – Quero chegar antes da noite. Tenho o farol da bicicleta avariado.

ANTÓNIO – Há um quarto livre. Pode ficar.

(ROBERTO pára a olhar para ANTÓNIO).

ROBERTO – Agradeço, mas não.

ANTÓNIO – Então isso de ver o mundo é limitado, é hipócrita. Há ali dentro mundo que você não quer ver.

ROBERTO – Pois, paciência. Talvez para a próxima.

ANTÓNIO *(aponta a janela do quarto da direita e fala, ameaçador)* – É ali. A cama não é firme, falta-lhe um pé, e não julgue que é macia, a porta fecha mal, as aranhas entram de noite pela janela, e são grandes, o tapete sofreu gerações de pisadelas, e está tudo cheio de pó, mas é isso que implica “ver o mundo”.

(ROBERTO, inquieto, de costas para a bicicleta, deita a mão ao saco que não está onde devia estar, atrás, no suporte por cima da roda traseira).

ROBERTO – O meu saco? O meu saco? Estava aqui. Estava bem amarrado. Não o viu? Estava aqui. Há pouco, subindo a encosta, ainda estava...Não estava...já não estava.

ANTÓNIO – Não estava.

ROBERTO – Eu sentia-me mais leve, na altura não percebi porquê...Pensei que fosse alegria, aquele bem-estar do exercício, do ar livre...Mas era o saco que já não me pesava. *(Para ANTÓNIO)* Terá caído? Não pode ser, eu teria ouvido, no silêncio da subida. Não havia nada em volta, só penedos, mato, arbustos. Tenho tudo lá dentro. Não é muito, mas é a carteira, os documentos, os cartões, o dinheiro, o telemóvel, o carregador do telemóvel, a roupa, os meus desenhos!

ANTÓNIO *(indiferente)* – É um grande choque.

(O teimoso passarinho pia de novo. ANTÓNIO olha para de onde vem o som, bate o pé, o passarinho recolhe o trinado).

ROBERTO – Não me lembro de ter passado por gente na estrada.

ANTÓNIO – Não viu ninguém.

ROBERTO – Podia telefonar a alguém...

ANTÓNIO – A quem?

ROBERTO – Tem telefone?

ANTÓNIO – Não!

ROBERTO – Não viu ninguém?

ANTÓNIO – Às vezes ouço passos no bosque, vozes ao longe, e entrevejo umas sombras...mas as sacanas das árvores tapam tudo, estão sempre no caminho. Pinheiros, carvalhos! Pinheiros, carvalhos! Pinheiros, carvalhos! Um vidoeiro!

ROBERTO – Deixe, não interessa.

ANTÓNIO – Há duas semanas veio visitar-me um antigo colega de trabalho, mas estava morto, não sei se conta. E quando digo “estava morto” é mesmo o que eu quero dizer.

ROBERTO – Vive aqui sozinho.

ANTÓNIO – Quem havia de viver comigo?

ROBERTO – A sua mulher. Alguém.

ANTÓNIO – Ninguém vive comigo. Isso foi-se despachando. Ou eu me afastei ou eles se afastaram, uns por uns tempos, outros de vez, uns partiram, outros foram levados para longe, para outra morada, para últimas moradas, outros deixaram de ter morada, outros deixaram de ter telefone na morada. Ninguém vive comigo e ninguém sabe de mim.

ROBERTO – Não há mais casas?

ANTÓNIO – Viu casas?

ROBERTO – Não viu o saco. O saco perdeu-se no caminho.

ANTÓNIO – Vamos comer. São horas.

ROBERTO – Não dei por nada! O saco cai, o saco desaparece! E eu...

ANTÓNIO – Foi estúpido. Nada a fazer.

ROBERTO – Não, não é possível. Vou procurá-lo.

ANTÓNIO – Que espécie de saco era?

ROBERTO – Era um saco de viagem.
(*Pia uma coruja pela primeira vez. ANTÓNIO sente-a*).

ANTÓNIO – Ai tem, seguiu viagem. O saco de viagem tem dificuldade em saber quando parar. E desaparece. Mas tudo desaparece. É uma questão de tempo.

ROBERTO – Mas isto foi muito repentino! Deitar a mão ao saco e ele não estar onde devia...

ANTÓNIO – Veja antes assim: é menos um fardo!

ROBERTO – Mas faz-me falta! Vou procurá-lo?

ANTÓNIO – Vá. Pode ser que se perca você também e deixa de ter importância.

ROBERTO – Que fará um saco sozinho num bosque?

ANTÓNIO – Segue o destino de toda a carne. Apodrece. Decompõe-se. Será estrume em menos de nada. Os seus desenhos não duram quinze dias. Secam ao sol, encarquilham, escurecem, dispersam-se no vento ou misturam-se no chão com a geada e é a metamorfose, é celulose...Os plásticos duram eternidades. Dentro de milhares de anos os seus cartões de crédito ainda hão-de identificá-lo, debaixo de metros de lixo e turfa...

ROBERTO – Os meus desenhos...!
(*ROBERTO afasta-se, cabisbaixo. Pia uma coruja. ANTÓNIO pára de repente*).

ANTÓNIO – Pode ser que se salvem.

ROBERTO (*finalmente irritado*) – Porque haviam de salvar-se?

ANTÓNIO – Comece já a habituar-se à ideia de que os perdeu e pode ser que se salvem.

ROBERTO – Não, eu não os perdi! Fui roubado! Parei na subida para beber água numa fonte, afastei-me da bicicleta, afastei-me do saco...Foi aí, só pode ter sido aí. Mas quem...?

ANTÓNIO – Para quê destrinçar o que se perdeu do que nos roubaram?

ROBERTO – Perder seria negligência minha! Roubar é crime de outros!

ANTÓNIO – No tempo, no tempo é o mesmo.

ROBERTO – A si tanto lhe faz.

ANTÓNIO – É verdade. Mas a si, se lhe fazia tanta falta, porque se afastou?

ROBERTO – Foi um momento de distracção. Não posso andar sempre abraçado ao saco!

ANTÓNIO – A responsabilidade continua a ser sua. Até eu, se me apetecer, me posso achar um pouco responsável pela sua perda.

ROBERTO – Sabe alguma coisa...?

ANTÓNIO – Não sei nada. Não posso saber nada. E, no entanto...podia sentir-me ainda mais responsável, era só eu querer, mas sinto-me um bocadinho responsável, não mais. Porque aqui sozinho no alto da serra podia ter imaginado que isto ou coisa semelhante podia acontecer a um rapaz como você, ou a outro qualquer. E podia ter largado a correr pelo bosque e pela estrada à sua procura, ou doutro qualquer, para o avisar de que esta era uma possibilidade e que devia estar alerta e ter cuidado com os ladrões... Sabemos que as coisas vão necessariamente acontecer, não sabemos é quando e não sabemos a quem.

ROBERTO – O senhor vê tudo de cima!

ANTÓNIO – Mas estive ocupado com outras coisas e nada disto me ocorreu. Repare que pensei várias vezes em perigos, em ameaças, em problemas, mas não pensei em si, não o conhecia ainda, não sabia que enquanto eu pensava em perigos porventura imaginários, alguém sofria o roubo de um saco, num raio de uns quilómetros, ou seja, para todos os efeitos, na minha zona de influência.

ROBERTO – Se me roubaram, a responsabilidade é sua, embora nada saiba e nada possa fazer?

(ANTÓNIO sobe a escada devagar).

ANTÓNIO – Assumo a minha parte, pequena, de responsabilidade. Mais do que isso não faço.

ROBERTO – Que podia ter feito?

ANTÓNIO – Uma tabuleta, no vale, avisando da possibilidade da perda ou furto de bens móveis. Um requerimento ao posto da guarda para que reforçasse a vigilância e apoiasse os turistas...

ROBERTO – Porque não o fez?

ANTÓNIO – Medo do ridículo. Inércia.

(ANTÓNIO entra em casa. ROBERTO procura em vão o saco na periferia da bicicleta.)

ROBERTO – Não está. Não está.

(ANTÓNIO aparece ao cimo das escadas com uma lata de feijão em cada mão. ROBERTO vai a sentar-se no segundo degrau da escada.)

ANTÓNIO – Não se sente aí.

ROBERTO – Não tem importância.

ANTÓNIO – Para si, não. Mas para a aranha que costuma passar a esta hora...

ROBERTO – Deixou-a viver?

ANTÓNIO – Não lhe quero mal. Está sozinha, e pelo aspecto, velha e cansada. Já não tece teias, não intriga, não faz nada. Anda de lado. Não sei se é da espécie dela, se é mesmo dela. Sente-se um pouco mais para lá. Dê-lhe algum espaço de manobra.

(ANTÓNIO estende uma lata de feijão a ROBERTO).

ROBERTO – Obrigado.

(ANTÓNIO senta-se ao lado dele. Comem em silêncio).

ROBERTO – É tão bonito isto. Tão calmo.

ANTÓNIO – É porque é novo aqui. Ainda traz consigo os ruídos de onde veio. Oiça...

ROBERTO – Não oiço nada!

ANTÓNIO – Grilos! Um texugo a roer umas raízes...

ROBERTO – É repousante.

ANTÓNIO – Tudo me diz: “vai-te embora, vai-te embora, não pertences a nada disto!”.

ROBERTO *(ainda de orelha à escuta)*

– Ouvi o mocho, há pouco. E grilos, sim! Mas o texugo...

ANTÓNIO – É uma carnificina. Por esses bosques fora é sempre hora de jantar.

(Pia uma coruja, ANTÓNIO tem um sobressalto).

E há as armadilhas. Para além da natureza carnívora, há as armadilhas dos caçadores furtivos. São patas entaladas em dentes de ferro, caudas cortadas rente, covas cobertas de ramagens, e no fundo um sem fim de estacas e animais empalados, gargantas presas em laços de corda...

ROBERTO – Não acredito. Não penso nisso. Porque havia de pensar nisso?

ANTÓNIO – Não pense nisso. Quando me mudei para cá, passava dias a desmontar as armadilhas e a separar as espécies umas das outras, se as apanhava no acto da caça, ou a tentarem reproduzir-se. Mas desisti. É cansativo lutar contra o curso natural das coisas.

ROBERTO – Depende.

ANTÓNIO – Sim, você gosta é de falar de si. Diga.

ROBERTO – Não gosto de falar de...

ANTÓNIO – Não o censuro. Conte-me como viaja.

ROBERTO – Não gosto de andar pelos circuitos turísticos, fujo das estradas, prefiro os caminhos. Vou vendo coisas pouco vistas. Muitas aldeias abandonadas, ou destruídas por indústrias que também já foram destruídas...

ANTÓNIO – Viu aldeias, viu indústrias...Mas não viu gente?

ROBERTO – Vi gente. Mesmo nas aldeias abandonadas ficam duas ou três cabeças de gado e as pessoas ficam a tratar das cabeças de gado.

(A coruja pia. ANTÓNIO levanta-se de repente, fora de si)

ANTÓNIO – Pias, e morres! *(para ROBERTO)* Vou lá dentro buscar a caçadeira!

(ROBERTO pousa a lata, levanta-se e afasta-se um pouco, incomodado).

ROBERTO *(palaciano)* – É uma coruja ou é um mocho? Não sei a diferença.

(ANTÓNIO senta-se nas escadas, ainda a tremer de raiva e olha de viés para de onde veio o piar da coruja).

ANTÓNIO – Está a ver ali aquele pinheiro? Às vezes sento-me no alpendre e explico-lhe leis elementares da Física, a queda dos graves, o plano inclinado, máquinas simples como a alavanca, a roldana...matéria básica...conto-lhe coscuvilhices sobre o Newton... Eu acho interessante. Pensa que ele reage? Que dá uma opinião, que finge, nem que seja por boa educação, finge que me ouve? Nada! Não se lhe arranca um som! Um gesto! Um sinal! De vez em quando lá deixa cair uma pinha, por delicadeza, mas digamos que não se pode chamar a isto diálogo, o deixar cair uma pinha?

ROBERTO – Não pode.

ANTÓNIO – Bem vê.

(A coruja pia. ANTÓNIO estremece).

ROBERTO – Mas quem é que se vai pôr a discutir com um pinheiro?

(ANTÓNIO levanta-se, sobe as escadas, decidido)

ANTÓNIO – Nem com um pinheiro, nem com um castanheiro, nem com um carvalho! É tudo a mesma corja! Não entendem. Seguem as leis, mas de forma estúpida, acéfala... não as entendem.

ROBERTO – Fazem o que foram feitos para fazer, que é fazer respirar o planeta.

(ANTÓNIO aparece à porta empunhando uma caçadeira. ROBERTO, sentado na escada de costas para ANTÓNIO, não se apercebe do que se passa).

ANTÓNIO – Se cada um fizesse só o que foi feito para fazer...

ROBERTO – E não faz?

(A coruja pia de novo o seu piar sinistro).

ANTÓNIO – Fazemos muito que não fomos feitos para fazer.

(ANTÓNIO faz pontaria à árvore de onde veio o som da coruja.)

ROBERTO – Como por exemplo?

ANTÓNIO – Matar.

(ANTÓNIO dispara desajeitadamente. ROBERTO levanta-se de um salto e volta-se para ANTÓNIO).

ANTÓNIO – Não somos animais.

ROBERTO – Não me parece a melhor maneira de lidar com a Natureza, estar à espera de diálogo. Ou andar aos tiros às corujas, só porque piam!

(**ANTÓNIO** larga a caçadeira no alpendre e desce as escadas com naturalidade. Aproxima-se de **ROBERTO**, que recua ao de leve.)

ANTÓNIO – Você era capaz?

ROBERTO – De matar uma coruja?

ANTÓNIO – Não era capaz.

ROBERTO – Sem uma razão muito forte.

ANTÓNIO – Matar com uma razão muito forte não é matar, é ir para a guerra, é resistir, opor-se, defender-se.

ROBERTO – Mas que mal lhe fez o desgraçado do bicho? Esse ódio é inexplicável!

ANTÓNIO (*de repente muito preocupado*) – Não tenha medo, por amor de Deus, não tenha medo! Não me falhe agora! Vamos esquecer este disparate. Diga lá. Fale de si. É uma das actividades preferidas dos turistas. Gosta de quê? Campo? Praia? Serra? O que é que faz para além de ver o mundo?

ROBERTO – Desenho mares. Lagos. Lagoas. Cascatas. Gosto de água.

ANTÓNIO – (*rancoroso*) É a beleza. Pinta naturalista? Claro, nem faz sentido andar a ver e depois pintar coisas que não têm a ver com o que anda a ver... Portanto, a beleza natural. Pintada de forma naturalista. Tem de ir à Lagoa dos Cabeços aqui perto... vamos amanhã, ao nascer do sol.

ROBERTO – Amanhã sigo viagem.

ANTÓNIO – Também eu, também eu. Mas tem de ver esta lagoa... é estúpida de fazer chorar, mas...

ROBERTO – E o que seria uma lagoa inteligente?

ANTÓNIO – Uma lagoa que não oferecesse resistência a um homem que se quer afogar. Uma lagoa que se risse de escárnio na cara das leis. Que tomasse a responsabilidade desse facto. Que distinguisse entre quem quer flutuar e quem já não pode fazê-lo. E que, ao perceber a necessidade que um homem tem de se afogar, aquecesse e se transformasse num saco de água morna, ou num abrigo, ou nalguma espécie de consolação. (**ROBERTO** *suspira, quase um gemido*) Saudades do saco?

ROBERTO – São os desenhos.

ANTÓNIO – Logo faz outros.

ROBERTO – E é o dinheiro, não era muito, mas não tenho mais.

ANTÓNIO – Eu dou-lhe o dinheiro.

ROBERTO – Porquê?

ANTÓNIO – Porque posso.

ROBERTO – Não. Não.

ANTÓNIO – Tantos princípios!

ROBERTO – Não posso aceitar dinheiro de um estranho.

ANTÓNIO – Mas aceitou ser roubado por estranhos. (*Levantando-se, arranca a lata de feijão das mãos de ROBERTO*) – Tanto feijão, que porcaria!

ROBERTO – Não aceitei ser roubado por estranhos!

(**ANTÓNIO** *posua as duas latas de feijão lado a lado no topo do banco rústico*).

ANTÓNIO – Proponho-lhe que me faça um serviço e eu pago-lhe com o tal dinheiro e ficamos ambos satisfeitos.

ROBERTO – Um serviço?

ANTÓNIO – Amanhã.

ROBERTO – Dê-me tempo para pensar, sim?

ANTÔNIO – Vou dizer-lhe agora onde guardo o dinheiro.

ROBERTO *(zangado)* – Não quero saber, não me diga.

ANTÔNIO – Está em cima da mesa. Quando se entra em casa é a primeira coisa que se vê.

ROBERTO – Que loucura! E o meu saco, roubado!

ANTÔNIO – Dentro não há ladrões. É seguir o olhar, e naturalmente ele pousa sobre o dinheiro. Não é muito, mas consegue levá-lo aonde você quiser ir. E deixei uma bolsinha...

ROBERTO – Eu não aceitei nada, nem sei se vou aceitar.

ANTÔNIO – Seja responsável e aceite o meu dinheiro. Cumpra o seu dever.

ROBERTO – O meu dever?

ANTÔNIO – Deixo-lhe uma vela nova na mesinha de cabeceira.

ROBERTO – Estou tão cansado que nem tenho sono.
(ANTÔNIO começa a subir as escadas, devagar.)

ANTÔNIO – Ao caminhante que se aproxima vindo do Norte e que galgou o difícil desfiladeiro depara-se-lhe uma bacia rochosa onde se deita uma lagoa de águas límpidas; aí se vêem, na inclinação da luz que dá relevo, dois penedos nítidos como cabeços, cobertos de líquen. O acesso não pode ser mais penoso. A lagoa não tem margens. É um poço largo de chuva azul num leito de granito.
(ROBERTO cabeceia de sono.)

O favor que lhe peço é que me leve até lá e que me deixe no fundo. Um corpo abandonado no meio da serra, inerte, pode ter consequências... e a água sempre dilui e dissimula. *(ROBERTO boceja, sem ouvir. Diz que sim com a cabeça.)*

ANTÔNIO – Eu vou entrando.

ROBERTO – Não demoro.

ANTÔNIO – Adeus.

ROBERTO – Até amanhã.

ANTÔNIO – O dinheiro é seu.
(ANTÔNIO pega na cadeira e entra em casa)

ROBERTO – Que dia este! Que dia! Logo de manhã, o pneu rasgado. Não há pneus, não há rodas, não há mecânico, há mecânico mas fica do outro lado da serra, afinal há mecânico ali perto mas não trabalha de manhã, afinal trabalha de manhã mas é fora da aldeia para lá duns penhascos, quando chego não tem pneus, se eu pagar um pouco mais tem, não tenho dinheiro e ele diz que não pode fazer nada, se eu levantar mais dinheiro, ele pode... não há onde levantar dinheiro, volto à aldeia, no mercado fazem-se umas trocas... e há dinheiro... mas o mecânico vai almoçar às dez e meia, agora só à tarde, e eu tenho de seguir viagem, vou subir a serra, ele vai contrariado buscar o pneu a um barracão, meia hora para lá, meia hora para cá, e o pneu não serve... depois, enfim, a roda inteira... a dificuldade, a dificuldade da manhã anunciava um dia assim. Quando a coisa começa torta e há sinais, é só preciso saber lê-los. Ia acontecer qualquer coisa. O instinto estava certo. Subi ainda a tentar sacudir a nuvem, mas sentia... A carteira magoava-me no bolso, foi para o saco. Paro para beber água na fonte, fico sem nada. Agora, este louco... Mas acabou. Dumo e amanhã é outro dia.

(ROBERTO sobe as escadas. Leva a mão à fechadura e procura empurrar a porta. Dá um passo atrás, na luz frouxa, para entender por que razão a porta não abre. A porta abre para fora. ROBERTO prime a patilha de ferro da fechadura e puxa violentamente a porta. Ouve-se um tiro de caçadeira.)

ACTO II

(DOMINGOS e AUGUSTO estão sentados a uma mesa de madeira tosca à porta do que parece ser um restaurante ou uma estalagem. Vestem fatos completos de bom tweed, já bastante gastos, colete com respectiva corrente de relógio de bolso. Calçam botas de caminhada que já viram melhores dias. São duas almas nobres e bem criadas. A ideia que têm a transmitir é a da Vitalidade da Virtude. DOMINGOS está à esquerda, a perna cruzada para a direita, AUGUSTO à direita, com a perna cruzada para a esquerda. DOMINGOS começa a rir baixinho, para dentro, depois num crescendo, até AUGUSTO se rir também.)

DOMINGOS – O ar dele! Com o boné! A pala! A olhar para nós como se tivesse visto o diabo! Oh, coitado!

AUGUSTO – Pregámos-lhe um susto!

DOMINGOS – E largou pela estrada abaixo a pedalar e a olhar para trás!

AUGUSTO – Todo afogueado!

DOMINGOS – Oh, coitado!

AUGUSTO *(sério)* – Aquilo é perigoso, com tantas curvas!

DOMINGOS – Temos de admitir que olharmos para ele da berma da estrada e acenar...

AUGUSTO – Com as melhores intenções...

DOMINGOS – Não contribuiu para o tranquilizar.

AUGUSTO *(calmo, sacudindo poeira da manga do casaco)* – Não somos a parangona do camponês serrano...

DOMINGOS – Embora eu na altura usasse o meu lenço de quatro pontas na cabeça. É o que vejo por aqui, às vezes.

AUGUSTO – É nosso costume integrar o costume local, sempre que possível.

DOMINGOS – Não custa nada e a mensagem é de consideração pelo sítio.

AUGUSTO – Recebem-nos cordialmente, retribuímos.

(DOMINGOS ri-se ainda um pouco, depois muda a orientação.)

DOMINGOS – Que bonito que isto é!

AUGUSTO – Gosta da estalagem? Quer? Dou-lha.

DOMINGOS – Obrigado...já tenho duas.

AUGUSTO – Aceite, por favor. Faça-me esse gosto.

DOMINGOS – Com prazer. Se me fizer a gentileza de aceitar o terreno e o direito de superfície.

AUGUSTO – Obrigado. Fico muito feliz.

DOMINGOS – Que belo dia.

AUGUSTO – Dou-lho. Este dia é seu.

DOMINGOS – Agradeço. O amanhã é seu.

AUGUSTO – Obrigado. Parece-me próprio, você é homem do agora. Mas eu não mereço o amanhã.

DOMINGOS – Aceita...?

AUGUSTO – Que remédio!

DOMINGOS – Obrigado. Fico muito satisfeito, Augusto.

AUGUSTO – Depois você põe um pé à frente do outro, avança para a bicicleta e diz: "Mas que bela bicicleta!", com a mão estendida, para lhe fazer uma carícia, como se fosse um animal doméstico.

DOMINGOS – Eu não sou nada, se não mexer nas coisas. E posso, sem querer, assustar os donos das coisas.

AUGUSTO – Você, quando avança...

DOMINGOS – ...para lhes mexer, admito, pareço feroz. Mas sou inocente.

AUGUSTO – O seu desejo é muito forte. Leva tudo à frente.

DOMINGOS – Só percebi que lhe fiz medo quando ele desapareceu a pedalar estrada abaixo. E senti culpa, mas aí já era tarde.

AUGUSTO – Para quê bater com a mão no peito? O rapaz é forte. E você põe aquele seu sorriso tão bonito... De quem não liga a mais nada.

DOMINGOS – Já estou a mexer, por antecipação. Já sinto...

AUGUSTO – Como no meu sonho, aquele da vaca.

DOMINGOS – O que eu gosto desse sonho!

AUGUSTO – É você o protagonista.

DOMINGOS – Digo-lhe isto: o rapaz já vinha com medo. Cheirava a medo.

AUGUSTO – Se não, como explicar o que nos respondeu quando eu disse, em aposto ao que você tinha dito: “A bicicleta é esplêndida, amigo Domingos, aí tem razão a cem por cento!”.

DOMINGOS – “É minha! É minha!”, aos gritos! E desapareceu estrada abaixo que nem um louco. (*rindo*) “É minha! É minha!”. Com o boné! De pála!

AUGUSTO – Ao contrário!

DOMINGOS – Que cena encantadora! E tão adequada àquele cenário!

AUGUSTO – Uma criança, não mais que isso!

DOMINGOS – Uma candura, uma ingenuidade, uma novidade, uma berma da estrada, manchas de giestas, de alecrim...

AUGUSTO – Você tomou nota?

DOMINGOS – Da cena toda. Logo de seguida.

AUGUSTO – Agora a questão é “porquê”?

DOMINGOS – Eu admiro a maneira como você pergunta. Eu raramente ponho questões. Só muito de vez em quando e de veia retórica. As questões não se me põem, é uma limitação minha.

AUGUSTO – Não lhe chamaria uma limitação...a sua natureza é aceitar.

DOMINGOS – Mas você sabe pôr as questões com brilhantismo. Com sentido da oportunidade.

AUGUSTO – É um prazer que eu tenho. Porque gritaria ele “É minha! É minha!”, se ninguém pôs em causa a legitimidade da propriedade da bicicleta?

DOMINGOS – Porque a roubou, parece-me evidente!

AUGUSTO – Confio mais na sua capacidade de empatia, **DOMINGOS**. Imagine que eu lhe dizia: “Mas que belo chapéu de côco!”...

DOMINGOS – Obrigado, mas já não uso.

AUGUSTO – Imagine. E você, sem mais, gritava: “É meu! É meu!”. Que razões teria para o fazer?

DOMINGOS – A veemência implica que havia muito para dizer que não se disse, por qualquer motivo. Ou porque não houve tempo, ou porque não houve vontade. De forma que aquilo que efectivamente se diz, sai violento. Sai sob pressão. Eu, de livre vontade, por minha iniciativa, teria dito: “Agradecido, é muita gentileza sua”, e era capaz de juntar alguma coisa sobre a história do chapéu, de onde veio e quem mo deu, ou onde o terei comprado e também algum pequeno incidente relacionado com o chapéu, a vez que caiu ao rio e um pescador de trutas mo apanhou e mo devolveu numa aldeia ribeirinha, a uns dez quilómetros dali...

AUGUSTO – Encantador! Seria já todo um incidente, nascido para a narrativa.

DOMINGOS – E o que é a vida...?

AUGUSTO – Tem razão. Mas o grito?

DOMINGOS – O grito denota insegurança quanto à universalidade das leis da propriedade privada...

AUGUSTO – O chapéu é seu, ninguém põe isso em causa!

DOMINGOS – Eu ponho isso em causa!

AUGUSTO – Porque o roubou?

DOMINGOS – *(levando as mãos à cabeça)* Porque mo roubaram. Roubaram-me o chapéu!

AUGUSTO – E a sua fé...

DOMINGOS – Abandonou-me. Desapareceu com ele.

AUGUSTO – Diga-me ainda isto: se lhe roubaram o chapéu, como é que eu o vejo agora na sua cabeça?

DOMINGOS – Houve um reencontro. Uma devolução. Não, não me cheira a devolução... Houve um combate.

AUGUSTO – Daí a fuga.

DOMINGOS – Logo que, por exemplo eu, me sinto atraído pelo seu bem.

AUGUSTO – O nosso rapaz não é, portanto, um ladrão, mas uma vítima de ladrões.

DOMINGOS – É um grito que vem de uma aprendizagem.

AUGUSTO – Pobre criança!

DOMINGOS – A bicicleta é um bem perseguido por uma pré-história.

AUGUSTO – Foi decerto o que a tornou atraente aos seus olhos, Domingos.

DOMINGOS – *(pouco convencido)* Decerto. *(Convencido)* Decerto. A parte histórica para mim é muito sedutora. Humaniza o objecto.

AUGUSTO – Não cessa de me maravilhar o modo como os nossos espíritos se complementam.

DOMINGOS – Você arranca-me a verdade sem eu dar por isso. Você induz, você deduz, e em tudo, conduz. Ninguém se lhe compara. Firmeza e fito! Devia ter aprofundado as matemáticas, Augusto. Você ia longe nas matemáticas.

AUGUSTO – Ora, eu aborrecia-me...Pode ter as suas vantagens, a capacidade de pensar racionalmente. Para mim, no entanto, é a sua intuição que é preciosa. Você vive ligado ao chão. Sentir e pensar para si são coisas da terra, naturais.

(DOMINGOS vai responder com mais uma troca de galhardetes, mas é interrompido pela entrada de ROBERTO, com a bicicleta pela mão. Encosta-a, cansado, à parede da estalagem. Deixa-se cair pesadamente numa cadeira, junto a outra mesa da esplanada. Tira o boné. Está triste).

DOMINGOS – É ele.

(DOMINGOS e AUGUSTO olham para ROBERTO, sorridentes. ROBERTO não retribui o olhar).

AUGUSTO – Deixe-o descansar. Parece muito massacrado.

DOMINGOS – Devíamos esforçar-nos por desfazer a má impressão que inadvertidamente causámos.

AUGUSTO – Só uns minutos para ele se recompor.

(DOMINGOS tira o relógio de bolso, abre a tampa com um estalido).

DOMINGOS – O pôr-do-sol é lá para as oito.

AUGUSTO – E que horas são?

DOMINGOS (*com falta de tempo*) – Passa das sete! Ele agora está mais receptivo, antes de ter energia para subir de novo as defesas, os preconceitos...Cansado está mais puro.

AUGUSTO – Acenamos daqui. Não nos aproximamos, não quero ter mais nenhum mal entendido na consciência.

DOMINGOS – Deixamo-lo habituar-se à ideia de que tem mais isto pela frente.

(**DOMINGOS** e **AUGUSTO** *erguem o braço direito e saúdam ROBERTO, desportivamente. ROBERTO sobressalta-se, olha em volta. Pausa. DOMINGOS olha para AUGUSTO, numa súplica, e AUGUSTO faz-lhe sinal para que avance*).

DOMINGOS – Receio bem, caro amigo, que em si se tenha formado, à revelia, uma certa ideia errada sobre nós.

AUGUSTO – Detestamos ideias vagas, aproximadas, inadequadas, fictícias, erróneas, erradas, fugazes, evasivas, e mortas.

DOMINGOS – Provavelmente teremos de lhe fazer uma pergunta.

AUGUSTO – Diga-nos, por favor, apenas isto: a sua bicicleta é roubada ou roubaram-lha a si pelo menos uma vez no passado?

DOMINGOS – É esta a pergunta.

AUGUSTO – Repare que não tem obrigação nenhuma de nos dizer.

DOMINGOS – A pergunta vem de uma conversa entre nós dois...

AUGUSTO – ... uma conversa ociosa para valorizar este fim de tarde já de si belíssimo! Especulativamente concluimos que ou a roubou ou lhe roubaram.

ROBERTO – A bicicleta é minha, sempre foi, comprei-a nova.

DOMINGOS – Então é isso mesmo: foi-lhe roubada.

ROBERTO – Fui assaltado por um grupo de malfeitores. Destes que viajam em grupo, roubam e trocam e vendem e vendem e trocam e roubam. Primeiro roubaram-me o saco de viagem com a carteira, os cartões, os documentos, o telemóvel...os meus desenhos, a roupa...e quando os encontrei por acaso e os confrontei, queriam trocar o saco pela bicicleta, quando me opus, levaram-me a bicicleta e o saco de viagem, quanto mais eu resistia, menos coisas tinha. E quando fiquei sem nada, fui seduzido por uma mulher que me roubou o dinheiro que trazia à cintura e que nem sei bem se seria de facto meu - e logo depois tive de voltar a comprar o meu saco de viagem com beijos e carícias a uma rapariga que não me seduzia; a mulher que me seduziu então arrancou-me o saco das mãos, guardou tudo o que lhe interessava e atirou para a fogueira o caderno dos meus desenhos, a única coisa que eu queria de facto dar-lhe.

(**DOMINGOS** e **AUGUSTO** *entreolham-se*).

E fugi. Montei na bicicleta e fugi. Vinha tão assustado! Fugi a toda a velocidade, tive medo que me perseguissem, mas porque haviam de me perseguir? Ficaram com tudo o que queriam! Até que vejo dois homens na berma da estrada...

(**ROBERTO** *reconhece DOMINGOS e AUGUSTO e olha em volta, assustado*).

DOMINGOS e **AUGUSTO** *afastam-se, com pudor, para darem espaço a ROBERTO*).

DOMINGOS (*para AUGUSTO*) – Lembre-se agora daquela manhã em que acordámos já um pouco tarde, não aproveitámos bem a hora das oito... quando a luz e o ar estão no seu máximo de energia, e passávamos por um carreiro de mimosas...

AUGUSTO – Não mo perdoe! Perder a hora das oito!

DOMINGOS – Aquela chapada de cor amarela!

AUGUSTO – A mancha amarela, que pormenor, a sua memória, quem ma dera!

DOMINGOS – O pormenor é que dá contexto!

AUGUSTO – Registou?

DOMINGOS – Era inevitável.

AUGUSTO – Nem preciso de ler o registo. Por aí, pelas mimosas, já eu localizei essa manhã magnífica!

DOMINGOS – Houve outras. Mas nessa particular...especulávamos sobre a possibilidade de ter uma muda de roupa e se devíamos ou não arranjar um segundo fato.

AUGUSTO – Ocorre-me agora que foi a magnificência do trajar das mimosas que nos deve ter levado a tal ideia.

DOMINGOS – Considerámos a lã, o algodão, a seda, enfim, as matérias nobres, depois recorremos às misturas com alguma fibra, porque você dizia, e com razão, que são mais leves, mais práticas...

AUGUSTO – E duram mais.

DOMINGOS – Como todo o artifício.

AUGUSTO – Concordámos no puro poliéster.

DOMINGOS – E voltámos à questão de saber se haveria realmente necessidade de dois fatos.

AUGUSTO – Eu não compreendo essa “necessidade”...

DOMINGOS – É o que manda o protocolo. Pelo menos dois fatos, um vestido, um despido.

AUGUSTO – E o despido, para que serve?

DOMINGOS – Faz-lhe pena um fato sem ninguém. Mas tive de o confrontar, nessa altura, e ainda hoje o lamento.

AUGUSTO – Ora, conversávamos...

DOMINGOS – Dever-se-ia ter dois fatos para usar o de reserva quando se quer lavar o que está a uso e nesse ínterim passear fresco e bem vestido de acordo com as leis da modéstia. E você disse:

AUGUSTO – “Teríamos de o carregar às costas para sempre, pelos séculos dos séculos.”

DOMINGOS – A luminosa inteligência do costume! Um vestido e o despido no saco. Para sempre.

AUGUSTO – Um fardo eterno! Um peso nas costas!

DOMINGOS – É como diz. Exactamente.

AUGUSTO – Você queria um fato, mas não queria a responsabilidade do fato.

DOMINGOS – Porque eu continuava a desejá-lo, ardentemente!

AUGUSTO – Tudo tem consequências.

DOMINGOS – Agora andar com ele às costas! O que me valeu foi a sua compaixão, Augusto. E você era contra o fato! Sempre generoso, propôs que arranjássemos um terceiro fato e tratássemos a roupa como um conjunto de nove peças, de modo a que eu vestisse as calças extra enquanto se lavavam as que eu usara e você o colete, depois eu o colete e você as calças, depois você o casaco...

AUGUSTO – Do ponto de vista combinatório, era irrepreensível!

DOMINGOS – Custou-me duas horas de sono nessa noite! (exasperado) Duas horas que se foram, já não voltam!

AUGUSTO – É reflexão, não é perda de tempo. Ainda bem que lembrou este episódio. Por mim, não ia lá. Ocorre-me, no entanto, a lembrança de outro episódio...

DOMINGOS (*em tom de aviso*) – Viver! Viver!

AUGUSTO – Tem razão. Você lembrou-se do fato porque vinha a propósito.

DOMINGOS – Do luto por uma ideia.

AUGUSTO – Temo-nos um ao outro.

(**DOMINGOS** e **AUGUSTO** abraçam-se).

DOMINGOS – Não podemos descurar o rapaz.

AUGUSTO – Venha cá ver nos seus bolsos.

DOMINGOS – Veja nos seus também.

(DOMINGOS imiscui os dedos nos vários bolsos do casaco, das calças e do colete de AUGUSTO e este paga-lhe da mesma moeda).

AUGUSTO – Não se encontra nada?

DOMINGOS – Dúvidas.

AUGUSTO – Calculei.

DOMINGOS – São suficientes, mas...

AUGUSTO – Não devemos precipitar-nos.

DOMINGOS – Mas ele não vai esperar para sempre e nós queremos dar-lhe um presente!

AUGUSTO – Não vai daqui sem nada!

DOMINGOS – Principalmente quando aqui chegou sem nada!

AUGUSTO – Há a questão da adequação entre o que se dá e a quem se dá.

DOMINGOS *(com admiração)* – Você a pôr questões!

AUGUSTO – Não queremos sobrecarregá-lo com dádivas importunas. Teríamos de conhecê-lo melhor.

(DOMINGOS e AUGUSTO contemplam ROBERTO, que não se move, de boné na mão).

DOMINGOS – Ele pedala.

AUGUSTO – Pedala, sim, mas para quê? Não é para viver, com certeza, que para viver basta estar sentado em casa!

DOMINGOS – Para acumular experiência, a fim de obter conhecimento do mundo e das pessoas que o povoam, sobretudo conhecimento de si próprio enquanto pessoa.

AUGUSTO – É um destes que procuram a sabedoria fora de casa.

DOMINGOS – Tal como nós, **AUGUSTO**. É semelhante.

AUGUSTO – Nós somos dois!

DOMINGOS – É diferente. Mas é semelhante.

AUGUSTO – É comparar diálogos com monólogos!

DOMINGOS – Um jovem que viaja em bicicleta própria pelos campos e pelas serras, é assaltado por um grupo de malfeitores que primeiro lhe rouba o saco com os desenhos, etc. quando exige a devolução do saco, não só não lho devolvem, como lhe levam a bicicleta; no entretanto, compra com beijos e carícias o saco dos pertences a uma rapariga de quem não gosta, enquanto a rapariga de quem ele gosta lhe arranca de novo o saco com tudo o que ele contém, depois de ele lhe ter dado o dinheiro que trazia.

AUGUSTO – Esquece o principal.

DOMINGOS – Sim. Tem razão. O caderno dos desenhos oferecido, desdenhado e lançado na fogueira.

AUGUSTO *(radiante)* – **DOMINGOS**, o presente!

DOMINGOS *(rindo, retirando do bolso do casaco de AUGUSTO um pequeno caderno de desenho)* – Simbiose!

AUGUSTO – Simbiose!

(DOMINGOS faz menção de entregar o caderno de desenho a AUGUSTO, que lhe faz sinal para que seja ele a dá-lo a ROBERTO. DOMINGOS aproxima-se de ROBERTO, de braço estendido, curvado, de cabeça baixa, muito devagar, para não o assustar).

ROBERTO – Muito obrigado, mas não preciso de um caderno. Mesmo que precisasse, não tenho dinheiro...

DOMINGOS – *(ofendido, digno)* Dinheiro? Isto é um presente do Augusto e do Domingos!

ROBERTO – Mas não tenho nada para vos dar em troca.

AUGUSTO – Em troca? Mas...

DOMINGOS – Não entendo.

ROBERTO – Uma prenda por outra prenda, o comércio é esse. Não preciso do caderno, muito obrigado.

DOMINGOS *(para AUGUSTO, perplexo)* – A comunicação não passa!

(DOMINGOS e AUGUSTO inspeccionam o ar entre eles e ROBERTO, à procura do obstáculo)

DOMINGOS – Augusto, há aqui qualquer coisa que bloqueia a comunicação!

AUGUSTO – O ar é um gás inócuo, Domingos, não impede nada! Aproxime-se dele, pode ser que mais à frente a mensagem arranje maneira de passar!

(DOMINGOS aproxima-se cautelosamente de ROBERTO).

Você já sabe que há um espaço em que os malentendidos se dão com mais facilidade. É uma lei universal.

DOMINGOS – A lei dos dois metros e tal.

AUGUSTO – E não tem nada a ver com a audição, sabia?

DOMINGOS – *(olhando para ROBERTO, ainda intrigado)* Ouve-se bem, mas a gente simplesmente não se entende.

(DOMINGOS estende o braço à procura de alguma barreira que não permita a ROBERTO compreender a natureza da dádiva).

AUGUSTO – Ora experimente lá daí, pode ser que resulte.

DOMINGOS – *(estende a mão com o caderno)* Temos este caderninho para lhe oferecer como prova da nossa amizade e boa companhia.

AUGUSTO – Em regra isto chega para que se dê a aceitação.

DOMINGOS – Dê-nos, por favor, a sua aceitação.

ROBERTO – Têm a certeza de que não querem nada em troca?

DOMINGOS – *(admiradíssimo)* Você costuma trocar os presentes que lhe dão?

AUGUSTO – Considere isto um recomeço.

ROBERTO – Não se ofendam, mas eu não quero. Conheço as regras. Alguém nos dá um presente e somos obrigados a dar-lhe qualquer coisa em troca, mais cedo ou mais tarde, e eu não tenho nada para dar, nem dinheiro...e a bicicleta é tudo o que me resta e preciso dela para continuar.

DOMINGOS – E repete! Aprendeu demais com os ciganos.

AUGUSTO – *(admoestando, grave, terno)* Domingos! Esses romanis tiveram a generosidade de aceitar alguns dos nossos melhores presentes!

DOMINGOS – *(escondendo o rosto com o braço, envergonhadíssimo)* Desculpem. Desculpem. Que horror!

AUGUSTO – Não fique assim. A situação é toda ela emocional.

DOMINGOS – Não, sou um monstro! Um retrocesso vivo!

AUGUSTO – Lamento ter-lhe chamado a atenção para...

(DOMINGOS deposita o caderno na mão de ROBERTO e afasta-se para a direita, contrito. AUGUSTO segue-o, querendo confortá-lo. ROBERTO olha para o caderno, abre-o com cuidado).

ROBERTO – Já tive cadernos destes. São excelentes para desenhar.

(DOMINGOS e AUGUSTO voltam-se para ele devagar. Sorriem um ao outro. Ouvem ROBERTO, deleitados).

ROBERTO – O papel recebe muito bem o traço, não esborrata, não empastela, não rejeita. Aguenta muitos tons de cinzento. É um papel sensível. O lápis desliza quando é preciso, mas se é preciso afundar-se um pouco mais, carregar no risco, também aceita. Dá muito prazer. O papel é mulher, não é o que dizem? E a encadernação é forte, durável. Eu desenho mares, lagos. Gosto de água.

DOMINGOS – (*sensual*) A água é cá um elemento...!

AUGUSTO – Conte-nos desses desenhos.

ROBERTO – Eu dei-lhos e ela atirou-os para a fogueira.

AUGUSTO – Eles têm dificuldade em aceitar. Preferem tirar e trocar ou vender. São activos. Pró-ambulantes. Estão aqui, mas já com um pé na etapa seguinte. Por isso acumulam tanta tralha. E levam aquela cauda de quinquilharia para onde quer que vão.

ROBERTO – Agora fiquei sem eles e sem ela.

DOMINGOS (*para AUGUSTO, sobre ROBERTO*) – Gosto de o ouvir falar.

AUGUSTO (*para ROBERTO*) – Canta?

ROBERTO – Às vezes, se me sinto bem.

DOMINGOS – Que bem dito. E que voz!

AUGUSTO – É tudo novo, nele! O cabelo, como brilha! Repare-me naqueles dentes!

DOMINGOS – Invejáveis.

AUGUSTO – E canta!

DOMINGOS – Tem razões para isso!

AUGUSTO – (*para ROBERTO*) Mas, os desenhos. A água...

ROBERTO – (*impaciente*) Desculpem, não estou aqui para vos entreter. Estou até muito cansado.

(*DOMINGOS e AUGUSTO recuam de novo, reservados, um pouco embaraçados*).

DOMINGOS – (*para AUGUSTO*) Você lembra-se da tarde em que chegámos àquela pomar de tangerineiras, íamos esfomeados, sedentos...A luz, o verde daquelas folhas...a forma... Eu queria mexer-lhes, mas a beleza era tanta...

AUGUSTO – Paralisou-nos. (*Para ROBERTO, numa censura*) E você não estava.

DOMINGOS – Aquilo precisava de um artista!

AUGUSTO – Precisava de um artista, e você desenhava, que sei eu, um charco! Um lodaçal!

ROBERTO – Parece que estou sempre onde não devo.

AUGUSTO – Vamos aprendendo a estar onde devemos. Eu ironizava. Não se pode culpar uma pessoa por não estar sempre a desenhar tangerineiras!

DOMINGOS – (*lança a mão ao ar*) Aquelas tangerinas! Quando se trincavam, a polpa, o sumo...

AUGUSTO – ...combinavam-se com a nossa natureza mais profunda!

DOMINGOS – Deus existe.

AUGUSTO – (*para ROBERTO*) Somos devotos da tangerina.

ROBERTO – O caderno que ela queimou era mesmo assim. Este é o tamanho bom, não custa transportar. A mão agarra bem. Chega ali à dobra da falangeta.

AUGUSTO – É anatomicamente correcto.

DOMINGOS – E o que me diz da cor?

ROBERTO – Gosto.

AUGUSTO – Não se deve viajar rodeado de cores garridas. Atrai a atenção dos bichos. Uma vez tive um chapéu que era um pesadelo.

DOMINGOS – O viajante deve ser discreto, nunca sabe o que irá encontrar. O chapéu do AUGUSTO atraía indesejáveis. E abelhas.

AUGUSTO – Dava-me azar! E logo a mim, que sou um racionalista! Deixei de usar. Ficou na berma da estrada.

DOMINGOS – Não precisamos do chapéu para nada!

AUGUSTO – As cores garridas convidam à dispersão. O cinzento, o preto, o azul escuro...essas são as cores que nos concentram.

DOMINGOS – E os lugares por onde nós passamos sobressaem. Vamos como sombras, para não incomodar as outras cores.

AUGUSTO – Nós não contamos. Não somos nada. Somos fundo. (*para ROBERTO*)

– Fale-nos de qualquer coisa. Descreva-nos um sentimento, as suas impressões da paisagem, uma reflexão...nada é interdito.

DOMINGOS – Se quiser, claro, porque daqui a pouco é noite.

(*DOMINGOS e AUGUSTO sentam-se para apreciar mais aquele espectáculo.*

ROBERTO levanta-se, de boné na mão)

ROBERTO – Comecei esta viagem a um de Abril. Não consegui dormir à noite, estava nervoso, era a primeira vez que saía de casa, sozinho, tanto tempo. Toda a noite fiz planos, revi itinerários, cálculos, objectivos. Era uma oportunidade de me conhecer melhor, de experimentar coisas novas, de perceber o que quero mesmo fazer, quem sou, quais são as minhas potencialidades e também, sim, as minhas limitações.

AUGUSTO – Que lindo! Gostou, Domingos?

DOMINGOS – Muito. Principalmente desta última parte sobre as potencialidades e as limitações.

AUGUSTO – Então é seu este momento.

DOMINGOS – Agradeço. É tão difícil encontrar autenticidade hoje em dia. O próximo momento é seu. Espero que seja digno de si. (*Para ROBERTO*) Diga-nos que águas desenhou na sua viagem.

(*ROBERTO abre o caderno de desenho, percorre as folhas*).

ROBERTO – Transporteí a bicicleta no comboio. Em cada estação interessante parava e metia-me por estradas secundárias.

AUGUSTO – Secundárias? Não há nelas nada de secundário! Dei uma porção delas ao **DOMINGOS**!

DOMINGOS – São muito bonitas. E são seus todos os campos adjacentes.

AUGUSTO – Alguns deles, inclusivamente, lavrados. A sua generosidade é a fundação da minha existência.

DOMINGOS – A sua generosidade é que não tem limites!

(*Momento de comoção entre DOMINGOS e AUGUSTO. ROBERTO espera para continuar, vai folheando o caderninho*).

ROBERTO – Andei pelas falésias, junto ao mar, desenhei essa costa quase toda... (*Pára. De repente*) Mas este caderno é usado! Está escrito!

(*AUGUSTO levanta-se, recolhe delicadamente o caderninho, inspecciona-o, prepara-se para ler. DOMINGOS puxa do relógio de bolso. Vai cronometrar a leitura. Enquanto AUGUSTO lê, DOMINGOS acompanha com gestos melômanos da mão*).

DOMINGOS – Tempo!

AUGUSTO – “Que lugar estupendo! O colorido! A doçura do ar! Havia borboletas, inclusive, era uma estampa bucólica perfeita! Apanhámos amoras e o **AUGUSTO**

não se sentiu lá muito bem a seguir. Penso que aproveitámos bem a tarde nesse prado cheio de sol". (*Para DOMINGOS*) Não se esqueceu de registar a minha indisposição, obrigado! (*Para ROBERTO*) Isto passou-se...

DOMINGOS – Há uns dias.

AUGUSTO – "E quando a tarde declinava, subimos a serra porque o AUGUSTO estava determinado a ver o pôr-do-sol de um sítio alto. E pelas seis e pouco chegámos ao cume e foi daí que assistimos. Espectáculo esplendoroso." (*para DOMINGOS*) A palavra está muito bem escolhida.

ROBERTO – Está escrito. Não posso aceitar.

DOMINGOS – Vai valorizado com a nossa experiência.

ROBERTO – Não posso aceitar o diário da vossa viagem.

AUGUSTO – Há-de encontrar-lhe com certeza alguma utilidade.

ROBERTO – De que me serve a vossa experiência?

AUGUSTO – Tempo?

DOMINGOS – Trinta segundos, mas houve uma interrupção.

AUGUSTO – É pouco, não acha? Tem de se celebrar um pouco mais aquele descanso no prado.

DOMINGOS – O lugar merece.

(*ROBERTO senta-se, cansado, desistindo*).

AUGUSTO (*abre o caderno, folheia, encontra a passagem, lê mais um pouco*) – "Assim que o AUGUSTO chegou, pusemo-nos de novo a caminho. Era muito cedo, ainda quase madrugada. Eu, embora espancado por desconhecidos durante a noite, ainda me encontrava sob o império da enorme generosidade de AUGUSTO, que me dera, pelas sete e meia da tarde do dia anterior, um acumulado de uma boa extensão de sebes, um pomar, as duas margens de um ribeiro cheio de sombra, uns seixos com laivos de quartzo"...

DOMINGOS – Bem sedimentado, quase transparente!

AUGUSTO – "...uma grande parte da falésia, um campo de centeio e uma abóbora-menina. Atravessámos um bosquezinho, alegres como pardais, inalando o sensual aroma das rosas silvestres (...)"

DOMINGOS (*interrompendo, impaciente*) – Deixei-me levar pelo "sensual aroma das rosas"... O que me faz pena é que não havia rosas, são rosas no papel. Mas lembro-me bem dessa manhã, vou descrever-lha como de facto se passou. Diria que a manhã era...

AUGUSTO – Irreal.

(*ROBERTO adormece de bruços sobre a mesa. DOMINGOS fala com algum nervosismo*).

DOMINGOS – Irreal, não era? Quase se esperava que nos saltassem fadas e elfos ao caminho. Havia névoa, mas uma névoa brilhante, dourada, como a que surge antes dos milagres. Chegámos à lagoa pelas oito horas e ficámos tão atordoados com aquela beleza toda que continuámos calados muito tempo a olhá-la, para não lhe perturbar a tranquilidade...

(*DOMINGOS dá sinal a AUGUSTO para começar a leitura, que continua a descrição. DOMINGOS cronometra. ROBERTO dorme*).

AUGUSTO – (*lendo*) "Àquela hora a luz esculpe as formas da lagoa. É uma pérola perfeitamente calibrada, encastuada na rocha cinza e branca, coroada por tons de rosa e lilás. Rompeu a serenidade um homem que se aproximou de nós aos gritos, de pistola em punho." Tempo?

DOMINGOS – O registo não está acabado.

(Com o fechar da tampa do relógio de bolso de DOMINGOS, ROBERTO acorda, sobressaltado. DOMINGOS e AUGUSTO afastam-se dele, respeitosos).

ROBERTO – Desculpem, adormeci.

DOMINGOS – É compreensível, com tudo o que passou.

AUGUSTO – Debatesmos os motivos desse homem.

DOMINGOS – Ficámos muito impressionados. Havia nele uma decepção tão profunda que foi para nós quase insuportável.

AUGUSTO – Suspeitamos que considerou o suicídio como forma de não sofrer a decadência da doença.

ROBERTO – De quem falam?

(DOMINGOS e AUGUSTO recuam, para não ofenderem a susceptibilidade de ROBERTO).

DOMINGOS – Do homem...aquele.

AUGUSTO – Esse.

DOMINGOS – O próprio. *(ROBERTO avança para tirar o caderno da mão de AUGUSTO, mas AUGUSTO recua).*

ROBERTO – Quem?

DOMINGOS – O da lagoa.

AUGUSTO – O suicidado...assassinado.

ROBERTO – O que viram? O que é que viram?

DOMINGOS – O mesmo que os gitanos, que estavam um pouco abaixo de nós na encosta, escondidos naquele choupalzinho delicioso... *(para AUGUSTO)* Não destoavam.

AUGUSTO – O elemento humano enriquece a paisagem, ao contrário do que é comumente aceite.

ROBERTO – Qual choupalzinho delicioso?

DOMINGOS – A ideia é integrar e não excluir.

ROBERTO – O que é que vocês viram?

(ROBERTO avança para AUGUSTO e arranca-lhe o caderno das mãos.

Procura no caderno a informação que lhe interessa).

O que viram não é o que parece!

AUGUSTO – Nós nunca nos guiamos pelo que parece.

ROBERTO – Conversei com ele, pensei eu que estava a conversar com ele, sem perceber nada do que me dizia. Estava cansado, tinha acabado de descobrir que me tinham roubado, não era uma coisa com que eu contasse! E isto depois de um dia que tinha começado mal, com sinais de contradição, pequenos, mas sinais... Não liguei a nada do que me disse. Quando ele entrou em casa, pensei que o dia tinha acabado. Fiz o balanço, mas cedo demais.

DOMINGOS – Não se aflija. *(DOMINGOS tira o caderno das mãos de ROBERTO e entrega-o a AUGUSTO).*

ROBERTO – Lembrei-me de que me tinha pedido que o levasse à lagoa e o deixasse lá, não sei porque mo pediu e não sei porque o fiz. Não devia...

AUGUSTO – Era o último desejo de um moribundo!

DOMINGOS – Impossível não cumprir.

ROBERTO – Têm de me ouvir. Eu não matei...

DOMINGOS *(para ROBERTO, exaltado)* – Você não matou o homem!

AUGUSTO – Longe de nós sequer imaginá-lo!

ROBERTO – Matei! Matei sem querer!

AUGUSTO – Qual é, na circunstância, a sua responsabilidade?

DOMINGOS (*muito agitado*) – Nenhuma! Nenhuma!

ROBERTO – O homem usou-me para se suicidar! O que é que isso faz de mim?

AUGUSTO – Entra-se numa zona cinzenta.

ROBERTO – Não sou um assassino!

AUGUSTO – Entram ambos numa zona cinzenta! Mas sobretudo o moribundo.

DOMINGOS – O moribundo entra primeiro numa zona cinzenta. A si é que não se lhe pode assacar nenhuma responsabilidade!

AUGUSTO – Debateremos este assunto muito tempo!

ROBERTO – Porquê? O que é que viram?

AUGUSTO (*consultando o caderno*) – Justamente, se a memória não me falha, logo depois e ainda debaixo do efeito...

DOMINGOS – Do choque!

ROBERTO – Quando?

AUGUSTO – Depois de o homem se ter aproximado de nós aos gritos de pistola em punho!

ROBERTO – Quando foi isto? Anteontem? Ontem durante o dia?

DOMINGOS – Não. Penso que registei o dia certo. Mas quando se anda em viagem a pé como nós, perde-se a conta dos dias. Sabemos que foi num dia.

AUGUSTO – Mas essa lagoa passou a ser quase quotidiana para nós.

ROBERTO – A semana passada? Há muito tempo? Há pouco tempo?

DOMINGOS – Foi há tempos.

AUGUSTO (*incerto*) – Há uns tempos largos.

DOMINGOS – Não tão largos.

ROBERTO – Porque registam tudo se não põem data?

DOMINGOS – É falha nossa.

AUGUSTO – A verdade é que não sabíamos de antemão que iria ser necessário.

ROBERTO – Encontraram-no, portanto, na lagoa.

DOMINGOS – Na lagoa mais deslumbrante, na paz divinal...! Primeiro aproximou-se do

AUGUSTO e meteu-lhe a pistola na mão e fez sinal para que disparasse contra ele!

AUGUSTO – Sem razão nenhuma. Sem o conhecer, não tendo nada contra ele.

DOMINGOS – Pode imaginar a nossa confusão.

AUGUSTO – E quando me neguei, tirou-me a pistola a mim e foi colocá-la nas mãos do DOMINGOS!

DOMINGOS – E quando eu me neguei, fugiu, aos gritos, não percebemos o que ele dizia, percebemos que sofria. Que dizia ele?

(*AUGUSTO aproxima-se depressa de DOMINGOS, puxa-o por um braço para longe de ROBERTO. ROBERTO segue-os e ouve o que dizem*).

AUGUSTO – Meu caro DOMINGOS, lamento informar, mas apercebo-me neste instante de que a responsabilidade do sucedido ao suicidado poderá ser nossa.

DOMINGOS – Se o rapaz no-la der, teremos de aceitar.

AUGUSTO – Repare. Nós não quisemos aceitar naquela altura. Não nos conformámos ao que ele nos dava, e ele compreendeu que ninguém o aceitaria de bom grado!

DOMINGOS – Não se dispara sem uma razão muito forte!

AUGUSTO – A razão foi essa. Ele pediu-nos. Nós não aceitámos...

DOMINGOS – E ele sozinho não conseguia! Era isso mesmo que ele gritava!

AUGUSTO – Não aceitámos o que ele nos quis dar, a nossa recusa fez recair a tarefa sobre o rapaz.

ROBERTO – Eu não aceito a responsabilidade pela morte daquele homem. Não o conhecia e quando o conheci achei-o estranho, desagradável e louco. Mesmo assim, aqui como se tudo estivesse normal. Cada vez gosto menos dele. Não aceito o que ele me fez.

DOMINGOS – É nossa a responsabilidade de ter feito recair a responsabilidade sobre o rapaz!

AUGUSTO – Minha. Dado que o homem veio ter primeiro comigo. E eu recusei. Logo sou eu o responsável pela sua recusa.

DOMINGOS – Não! Eu também recusei!

AUGUSTO – E fez muito bem. Esta culpa fica por minha conta.

DOMINGOS – Não.

AUGUSTO – Assim é que é racional!

DOMINGOS – Então dê-ma!

AUGUSTO – Não posso. Perdoe-me. Não posso.

(DOMINGOS afasta-se, desesperado) Lembra-se do moinho na falésia?

DOMINGOS *(quase a chorar)* – Temos de ir já. Quase não há luz.

AUGUSTO – DOMINGOS, você tem de aceitar aquele moinho.

DOMINGOS – Não!

AUGUSTO – É seu! Quero que aceite!

DOMINGOS – Isto não tem fim!

AUGUSTO – O que é agora esta negação dos moinhos?

DOMINGOS – São horas!

AUGUSTO – Você sempre foi um cultor do que na paisagem lembra o outrora! O outrora humano!

(DOMINGOS encaminha-se para a esquerda, angustiado. AUGUSTO avança decidido para ROBERTO e arranca-lhe o caderno das mãos).

AUGUSTO – Sinto-me profundamente insatisfeito comigo mesmo. Um dia que trazia tanta promessa...

DOMINGOS – A sua generosidade hoje foi, como sempre, inesgotável.

AUGUSTO – E a sua? Há registos!

DOMINGOS – Não leia!

(Na pouca luz, AUGUSTO tenta ler o caderno, não consegue. ROBERTO aproxima-se, tenta tirar o caderno a AUGUSTO, com cuidado. AUGUSTO entrega-lhe o caderno. ROBERTO procura avidamente nas últimas páginas escritas.)

AUGUSTO – Aceite!

DOMINGOS – Não posso!

AUGUSTO – Mas eu ainda não lhe dei o suficiente hoje.

DOMINGOS – Já tenho mais do que mereço, AUGUSTO. Agradeço com todo o meu ser. Agora, vamos.

(AUGUSTO arranca o caderno das mãos de ROBERTO. Luta na pouca luz para ler).

DOMINGOS *(para AUGUSTO, angustiado)* – Não posso aceitar a sua oferta! O registo não lhe vai dizer mais do que eu lhe digo! Confie em mim!

AUGUSTO *(ainda tentando ler)* – Como pode julgar que não confio em si? Depois de tudo o que passámos juntos!

DOMINGOS – Não quero perder nem mais um momento.

(AUGUSTO entrega o caderno a ROBERTO que procura nele o que lhe interessa).

AUGUSTO – Lamento o mal-entendido. Vamos aproximar-nos.

DOMINGOS – Não é da distância, é você que todos os dias, todos os dias...

AUGUSTO – Não entre em monólogo! Olhe para mim!

DOMINGOS – Não aguento mais! Não aguento mais!
(DOMINGOS vai para a direita)
 Não há quase luz!

AUGUSTO – Não vá! Não vá sozinho!
(DOMINGOS sai).

AUGUSTO – Encontramo-nos amanhã! Eu espero aqui por si! Aqui mesmo!
(AUGUSTO ajoelha, no cúmulo da aflição)

Meu Deus, meu anjo da guarda, protege o meu amigo DOMINGOS dos maus encontros nocturnos, dos ataques nocturnos, dos pensamentos negros nocturnos, dos pesadelos nocturnos! Mea culpa, mea culpa! Porque não me calo? Porque não sei calar-me, não consigo calar-me?

ROBERTO – Porque não o acompanha?
(AUGUSTO não o ouve, continua a bater com a mão no peito, contrito, aflito. ROBERTO monta na bicicleta e faz menção de sair).

AUGUSTO – Não, meu caro, não!

ROBERTO – A estalagem está abandonada, tenho de encontrar um sítio para dormir.

AUGUSTO *(atrapalhado, indicando o caderno que ROBERTO tem na mão)*
 – Mas não pode ir.

ROBERTO – Estou muito cansado.

AUGUSTO – Tenho de o seguir e não posso segui-lo, comprometi-me a esperar aqui.

ROBERTO – E quem o impede?
(AUGUSTO estende a mão, indica a medo o caderninho que ROBERTO segura).

AUGUSTO – Leva nesse caderno toda a nossa vida.

ROBERTO – Então deixo-lho. Eu não preciso dele.

AUGUSTO – É uma oferta nossa!
(Procura freneticamente nos bolsos. Descobre uma velha gravata amarela)
 Não costume fazer ofertas sem o **DOMINGOS**, mas tenho urgência.
 Leve a gravata amarela. Por favor!
(AUGUSTO põe a gravata à volta do pescoço de ROBERTO.)

ROBERTO – Não quero!
(ROBERTO tira a gravata e estende-a a AUGUSTO, que se afasta, num gesto de recusa. Depois aproxima-se e tenta mais uma vez fazer o laço com a gravata à volta do pescoço de ROBERTO. ROBERTO debate-se, mas acaba por aceitar, contrariado).

AUGUSTO – Espere. Dou-lhe também as minhas botas.

ROBERTO – Não quero!
(AUGUSTO senta-se no chão a descalçar as botas).
(ROBERTO atira o caderno a AUGUSTO. O caderno cai aos pés de AUGUSTO que recua, olhando o caderninho, horrorizado. ROBERTO sai, pedalando. AUGUSTO sentado, com uma bota na mão, à espera que a noite caia).

ACTO III

(Tarde de Verão, na força do calor. Passeio de uma vila serrana de onde se vê a praia fluvial. Ao centro temos um banco corrido de três lugares, desses que se plantam onde quer que haja uma vista a apreciar. MARIA RITA, rapariga atraente nos seus trinta e poucos anos, entra pela direita com o marido, MARLÔN, debaixo do braço. Ela é uma mulher muito frágil, quase quebradiça, sempre prestes a desmorronar-se, mas como um passarinho que levantasse voo no cume do susto. MARLÔN é um desses retratos de corpo inteiro que os marketeers designam por “stand up” e que é usado em vários tipos de promoções. É belo espécime de homem, apresentado na sua versão tronco-nu-calção-de-banho. Um desses corpos de engenharia estética, com um abdómen em alta definição. MARIA RITA é tímida com MARLÔN, preocupada com o efeito que os seus comentários poderão ter sobre ele. Ela pousa MARLÔN ao centro, ajeita-o, alisa-o, faz-lhe uma festa e olha ansiosamente para a direita).

MARIA RITA – Aqui ao menos estamos à sombra.

(Estende a MARLÔN a garrafa de água) Queres? Vê lá se desidratas. Quanto tempo já passou? Tanto tempo para ir comprar um gelado. Devia ter ido com ele. Só não fui porque é bom que ele se habitue a ir sozinho, cria-lhe autonomia... E agora estou tão preocupada! Foste tu que deixaste, foste tu que achaste que ele devia ir sozinho. Não devias ter deixado, ele é muito pequenino para ir sozinho comprar um gelado! Imagina que se engana na porta, imagina que entra noutra porta, que essa porta se fecha! Imagina que faz um mau encontro... *(protesta)* Eu sei que não vai acontecer!

Mas imagina que não têm o gelado, ou que não têm o gelado que ele quer, sabes como ele reage mal à frustração! E se o gelado não for o que ele quer, e ele conseguir submeter-se, e aceitar, e lidar com isso, e escolher outro, como é que ele resolve o problema do pagamento, do troco? Não há dois gelados iguais! Deixei-o ir porque avaleiei a situação e achei que não tinha importância, não, que tinha importância o facto de ele poder ir sozinho e resolver sozinho todas as situações que lhe aparecessem, porque não é longe, é já ali, e é gente conhecida. Fomos duas vezes tomar café, conta como gente conhecida? Pareceu-nos seguro. E só tem de fazer um bocadinho de estrada sozinho. Nós vimo-lo daqui a maior parte do tempo. Mas depois dobrou a esquina... Dobrou a esquina...

Passaram dez minutos, Marlôn! Não é assim tão longe! Como é que se pode levar tanto tempo a pedir um gelado, fazer o pagamento, receber o troco e pôr-se a caminho? O que é que ele anda a fazer? Imagina que... *(interrompe-se)* Acho que é ele. Não é o Matteo? Não o vês? Não é ele.

Vai ter com ele, está bem? Olha! Ouve! Vai ter com ele como se não fosses ter com ele. Com indiferença. Tu fazes isso bem. Eu não posso, que sou mãe dele. Nunca mais me perdoava! As crianças percebem quando nós estamos inseguras e nos preocupamos em demasia. Tu espreita de longe! Por favor! Faz de conta que não o estás a controlar, isso pode criar-lhe insegurança, pode convencer-se de que não é capaz de fazer nada sozinho. Tu é que és pai dele, eu sou a mãe, não posso lá ir! Não posso! Ele percebe que eu estou aflita! Mas ele já tem dez anos, Marlôn! Aos dez anos eu já vivia praticamente sozinho!

(*A descontrolar-se*) Não estou a compará-lo comigo! Não há comparação possível! Tudo se alterou! Tudo mudou muito! E esse tipo de comparações pode ser prejudicial ao desenvolvimento dele. Cada pessoa é única e singular. Não sei dele, Marlôn! Não sei...

(*De repente* Ah, já lá vem. Já o vejo. É o Matteo, não é? Marlôn, vê lá! Já traz o gelado. Mas que gelado é aquele? Não é o que ficou combinado, Marlôn. Aquilo é só chocolate por dentro e por fora, meu Deus! Este miúdo só come açúcar desde que entrou em greve da fome!

(*Pausa. Dá um passo em frente*). Com quem é que ele está a falar? Quem é aquele, Marlôn? (*Angustiado*) Não conheces? Também não conheço! Mas nós não tínhamos estabelecido uma regra quanto a falar com desconhecidos? Só nós é que podemos falar com desconhecidos, e ele só pode falar com desconhecidos quando estiver connosco e através de nós...Mas ele é tão independente! Parece interessado na bicicleta...Eu bem te disse que devíamos ter trazido a bicicleta dele, isto é o sítio ideal para andar de bicicleta...mas não cabia mais nada no carro. Podia-se ter pensado as coisas de maneira diferente, alterar as nossas prioridades, trazer menos malas, tu não vais precisar de camisolas, tu nunca tens frio, e eu não preciso de quase nada...O que é que ele está a fazer?

(*Vai acenar ao filho, contém-se. Baixo, para si*) Matteo! Mais alto, o nome do filho como numa prece a um santo, numa aflição) Matteo! (*Vê o filho afastar-se. Segue-o com os olhos, fixa, quase sem fôlego, durante uma longa pausa. Quando o perigo do afastamento passa, MARIA RITA tem um gesto de impaciência*) Oh, eu já sabia, vai deixar derreter o gelado!

(*Em desespero*) A culpa é minha! Eu é que deixei que o deixasses ir!

(*Volta-se de costas para onde está MATTEO, incapaz de suportar mais tempo a visão do longínquo filho*)

Marlôn, vê lá. Ainda lá está? O que é que ele está a fazer? Vai buscá-lo, por favor. Isto não pode ser. Comprar um gelado é uma coisa, falar com um desconhecido é um abuso.

(*MARIA RITA pega em MARLÔN e põe-no à direita alta. MARLÔN ali fica, digno, bem hidratado, satisfeito com todo o seu abdômen*).

Mas não o censure em frente do homem. Pode ser humilhante para ele. Em rigor, ele não está a fazer nada de mal. Nós é que não podemos não fazer nada! Como pais, temos o dever, temos a responsabilidade, temos a obrigação! Faz de conta que vais a passar, que o encontraste por acaso. Não sabemos quem o homem é, não o conhecemos, não somos daqui! A última coisa que nós queremos é sufocar o nosso filho com tanta protecção!

(*Deixamos de ver MARLÔN. MARIA RITA afasta-se um pouco para a esquerda, de costas para o filho, num acesso de independência. Mas ela nunca se afasta muito do centro, do seu ponto de vista sobre o filho*).

ROBERTO entra pela direita e senta-se no banco, cansado, encalorado. **MARIA RITA** volta-se, encara **ROBERTO** com surpresa, confirma a existência, ao longe, de **MATTEO** e de **MARLÔN**).

MARIA RITA – Sente a falta da bicicleta. Devíamos tê-la trazido. Ele aborrece-se só connosco. Não tem com quem brincar.

ROBERTO – É a mãe?

MARIA RITA – Sim. Do Matteo.

ROBERTO – Não deve ser fácil.

MARIA RITA – É uma criança extraordinária!

ROBERTO – Não me largava.

MARIA RITA – Tem de se saber lidar com ele.

ROBERTO – Quis dar uma volta, disse que o ajudava a montar, não quis, queria ir sozinho, não podia ser, queria com rodinhas, não foi possível, insistiu, zangou-se, disse que sustinha a respiração, que entrava em greve da fome. E não foi possível.

MARIA RITA – Isso nunca o deteve. Está em greve da fome desde que o meu pai desapareceu.

ROBERTO – Quis que eu desse uma volta, mas no perímetro estabelecido por ele. Nem um acrobata conseguia o que ele pediu. Quis que lhe desse a bicicleta, o que também não foi possível, quis que eu lha emprestasse para sempre, que lha vendesse...E não parava de me dar pontapés! Insisti em ajudá-lo a montar e ampará-lo. Não quis. Disse que preferia crescer.

MARIA RITA – É imaginativo.

ROBERTO – Disse-lhe que ia demorar. Ele disse que esperava. E pendurou-se no guiador de tal forma que não pude arrancá-lo.

MARIA RITA – Ninguém o bate em determinação.

ROBERTO (*de repente, exasperado*) – Estou cansado de aceitar o que me aparece pela frente. Mas se o novo combate que o destino me reserva é com uma criança, então desisto já. Sento-me e espero que ele se canse e que descole.

MARIA RITA – Arrefeceu, à sombra. E o Matteo não quis trazer o blusão. Bem lhe disse e insisti...

ROBERTO (*interrompendo*) – Aparentemente tudo nasce do estar e não do ser. Estar onde cai o raio. Naquele momento. Atirar-se à água, acertar no olho-de-boi. E ser engolido. Hesitar muito entre ir de comboio e não ir de comboio, entrar no comboio, hesitar muito, escolher o lugar e sentar-se em cima da discreta bomba que alguém ali deixou por vingança. E não nasce só do estar. Mas do estar no tempo. E a passagem ensina pouco. Porque aparentemente não depende da passagem ensinar, mas dos ondas e dos quandos que vão acontecendo...

MARIA RITA – No entanto, fala como quem aprendeu.

ROBERTO – Devo ter aprendido. Não sei o quê. Espero que nada de muito violento contra mim.

MARIA RITA – Eu creio na acção. O meu pai desapareceu. Faz seis meses na próxima sexta feira. Convidámo-lo para almoçar, almoçou, disse as frases que ele dizia, abençoou o nosso filho, saiu, acenou de longe e nunca mais o vimos. Agora ando à procura dele.

ROBERTO – Eram chegados?

MARIA RITA – Como se deve.

ROBERTO – Estaria doente?

MARIA RITA – De uma doença que faz desaparecer?

ROBERTO – Perguntei por perguntar.

MARIA RITA – Duvido que fosse doença. Era seco, os vírus temiam-no.

ROBERTO – Porquê então?

MARIA RITA – Não sei.

(*ROBERTO levanta-se, inquieto*)

ROBERTO – Como era ele, ao certo?

(*MARIA RITA tira uma fotografia do bolso e entrega-a a ROBERTO. ROBERTO olha para a fotografia.*)

ROBERTO – Aqui está de chapéu, de bigode! De óculos escuros! Anda à procura de um desaparecido com esta fotografia?

MARIA RITA – Não encontro mais nenhuma.

ROBERTO – Não é possível.

MARIA RITA – Tenho ideia de que passámos anos a tirar fotografias uns aos outros, mas quando é preciso encontrar uma em que se esteja reconhecível...

ROBERTO – Mas se quer encontrá-lo...

MARIA RITA – A imagem mais nítida que tenho dele é muito antiga. De fato escuro e gravata amarela, ou dourada, incongruente. O orgulho que ele tinha naquela gravata que todos criticavam! As gravatas sempre foram tema de conversa em minha casa. Ou porque eram italianas, ou porque não eram italianas.

(ROBERTO tira do bolso a gravata amarela que AUGUSTO lhe dera e mostra-a a MARIA RITA. MARIA RITA olha para a gravata, indecisa, depois continua a vigiar o filho. ROBERTO observa a fotografia.)

MARIA RITA – Não a reconheço.

ROBERTO – Era um homem alto? Mais alto do que eu? Mas as rugas eram fundas na cara, aqui...

MARIA RITA – Tinha envelhecido!

ROBERTO – Tinha cabelo? Bastante?

MARIA RITA – Sim.

ROBERTO – Grisalho? Branco nas fontes?

MARIA RITA – Sim, isso tinha. Mas quem não tem naquela idade?

ROBERTO – A voz rouca?

MARIA RITA – Nem por isso.

ROBERTO – Era homem antipático, de modos bruscos?

MARIA RITA – Às vezes, sim, como todos. Nas fases piores.

ROBERTO – Era sacudido, quase desagradável. Rancoroso. Meio...louco.

MARIA RITA – Não estive tanto com ele como devia. A nossa relação era cordial.

ROBERTO – Não me pareceu sociável. E, no entanto, falava. Mas não falava comigo, pareceu-me que falava sempre contra mim. *(MARIA RITA levanta-se, aproxima-se de ROBERTO numa pergunta muda.)*

ROBERTO – Conheci um homem que vivia isolado na serra. Disse-me coisas sem sentido a noite toda. E quando eu menos esperava foi buscar a caçadeira e disparou contra uma coruja.

MARIA RITA – O meu pai preferia isolar-se na cidade. Detestava lugares incultos.

ROBERTO – Mas vem procurá-lo aqui?

MARIA RITA – Por exemplo. Podia ter ficado nesta vila... gostava de cafés, de ouvir as pessoas nos cafés, como elas falavam umas com as outras de...nada.

ROBERTO – Mas porque não lhe perguntei o nome? Não lhe perguntei o nome! Nunca lhe perguntei o nome!

MARIA RITA – Eu sou Maria Rita.

ROBERTO – Roberto Mário. Filho de António Mário e de Maria Antónia.

MARIA RITA – O meu pai também é António. Não vejo o Matteo. Vejo o Marlôn a beber cerveja refastelado na esplanada, mas não vejo o Matteo. Ah, lá está ele. Já o vejo. *(Apreensiva)* Olha, que divertido, um circo! *(ROBERTO segue o olhar de MARIA RITA)* O Matteo gosta tanto! O que ele se ri com os palhaços, com os domadores, com os trapezistas...O circo está a chegar! Já oíço a música, o altifalante que anuncia...

ROBERTO – Não é um circo. Eu conheço-os. Não trazem música. Por favor, dê-me atenção agora um minuto! Preciso de saber mais sobre o seu pai.

MARIA RITA (*sempre vigilante*) – Não é um circo. São... E o Matteo tem um fascínio particular por...aquela garridice deles...

ROBERTO – Digo-lhe que o homem que eu conheci era o seu pai e que eu acidentalmente...acidentalmente...

MARIA RITA – Conheço bem aquele caminhar suspenso, ele prepara-se para dar um passo, ele prepara-se...

ROBERTO – Vá falar com ele, então!

MARIA RITA – Com quem?

ROBERTO – Com o seu filho!

MARIA RITA – Quem? Eu?

ROBERTO – Porque não vai lá buscá-lo?

MARIA RITA (*angustiado*) – Não posso! Ele tem de tomar decisões sem a minha interferência.

ROBERTO – Vai deixá-lo à mercê de...

MARIA RITA – Vá você buscá-lo! A interferência de um estranho é sempre menos mal vista.

ROBERTO – Não posso. Conheço-os. Não quero encontrar-me com eles nunca mais. E o meu problema...

MARIA RITA – Esqueça agora o seu problema, por favor!

ROBERTO (*exasperado, grita*) – Matei-o sem querer, matou-se de propósito! Puxei a porta, o gatilho, disparou a arma!

MARIA RITA (*horrorizada*) – Silêncio! Que ideia é essa? Você está louco? Quer que o miúdo o oiça?

ROBERTO – Eu tenho de compreender o que me aconteceu. Saí de casa, a bicicleta veio comigo no comboio, quando via um lugar que queria conhecer, descia e pedalava. Levava o meu caderno, desenhei alguma coisa e a serra até certo ponto. E cheguei ao cume, passei um bosque, um homem recebeu-me à porta de uma casa de madeira. No alpendre não há sardinheiras, disse-me explicitamente que odiava sardinheiras! Para quê? Pouco depois, quando me preparava para escapar, percebi que tinha sido roubado; foram aqueles os salteadores que me ficaram com o saco de viagem, o dinheiro que o homem me deu, por pouco não perdia a bicicleta...

MARIA RITA (*a propósito dos Gitanos que falam com Matteo*) – São salteadores?

ROBERTO – Inofensivos!

MARIA RITA (*baixo*) – Marlôn! Ele é que é o pai!

ROBERTO (*factual*) – O pai é uma figura de cartão.

(**MARIA RITA** recua um passo, quase se desequilibra. Olha **ROBERTO**, siderada. Depois, sempre perseguida por **ROBERTO** que anseia confessar-se, dirige-se devagar, dividida entre a suposta história do pai e a impossível protecção ao filho, para a direita).

ROBERTO – O homem deu-me uma lata de feijão como jantar, falou, cada vez era mais difícil de compreender, atirou sobre uma coruja sem razão nenhuma, subiu a escada e foi-se deitar. Eu já vinha de um dia difícil, subi a escada, puxei a porta e ouvi um tiro dentro de casa. Primeiro pensei uma coisa estúpida, que ele tinha encontrado um animal qualquer que o irritava ou lhe fazia medo. Mas não era o que eu esperava e eu já esperava tudo.

MARIA RITA (*sobre MATTEO*) – O que faz ele?

ROBERTO – Tinha montado uma máquina que ligava o gatilho da caçadeira ao puxador da porta e quando eu entrasse...e apontou ao meio do peito, mas mexeu-se e ali ficou. Horas de agonia e eu sem saber o que fazer. A certa altura saí e gritei por socorro.

MARIA RITA (*sobre a situação de MATTEO*) – Mas será que ninguém...

ROBERTO – E todos ali estavam. Os salteadores espiavam, os dois viajantes dormiam ali perto. E ouviram-nos, com certeza, ouviram a nossa aflição.

MARIA RITA – Ninguém faz nada!

ROBERTO – Eu podia ter recusado. Mas quando? Logo que cheguei? Quando me convidou a ficar? Quando me pareceu estranho? Quando me tirou a lata de feijão? Quando ele disparou? Quando o empurrei para dentro de água? Houve é certo um momento em que eu podia ter recusado a situação, mas passou e eu não percebi. Tinha-me pedido na noite anterior que o sepultasse numa lagoa! E eu sem saber o que fazer e sem saber o que fazia, carreguei o cadáver às costas até lá...empurrei-o para o fundo.

MARIA RITA (*ainda sobre MATTEO*) – Eu acho que ele se prepara para...

(*ROBERTO e MARIA RITA param a olhar para a direita*)

ROBERTO – Eles só querem a bicicleta.

MARIA RITA (*abstraida*) – Confio que ele fará a escolha certa. Não podemos forçá-lo. O amor que tem dentro dele... o bom conselho do amor...

ROBERTO (*sobre ANTÓNIO*) – Mas era ele. Não era ele?

MARIA RITA – Nada disso tem a ver com ele.

ROBERTO – Acredito que não fosse um final escolhido, mas um último recurso, uma imposição qualquer.

MARIA RITA – Era enérgico, racional, rigoroso, cientista, professor. Acreditava nas coisas claras, em objectivos possíveis. Tinha planos.

ROBERTO – E desapareceu.

MARIA RITA – Está no seu direito.

ROBERTO – Mas procura-o.

MARIA RITA – Cumpro o meu dever.

(*MARIA RITA observa MATTEO ao longe. Ilumina-se de felicidade. ROBERTO segue o olhar dela*).

MARIA RITA – É valente o meu filho.

ROBERTO – Ele defende-se bem.

MARIA RITA – Não conseguiram arrancar-lhe a bicicleta das mãos.

ROBERTO – E afastam-se!

(*MARIA RITA vai para a saída*)

ROBERTO – Vai ter com ele?

MARIA RITA – Cumprimentá-lo, sim, por mais este triunfo.

ROBERTO – Dê-lhe também os meus parabéns.

MARIA RITA – Obrigada. Assim farei.

ROBERTO – A bicicleta é dele, claro.

(*MARIA RITA sai. ROBERTO sai pela esquerda*).

EPÍLOGO

(Sentados no banco de três lugares, DOMINGOS, ROBERTO e AUGUSTO contemplam uma vista. Deve ser o largo mar. Estão calados. ROBERTO traz ao pescoço, por cima da camiseta, a velha gravata amarela. DOMINGOS retira do bolso o caderninho e estende-o a ROBERTO, que o aceita com gratidão. AUGUSTO, entusiasmado, começa a desatar o atacador da bota, na intenção de a dar a ROBERTO, mas DOMINGOS impede-o com um gesto. AUGUSTO aceita e desiste da oferta).

DOMINGOS – Ofereceu-lhe uma explicação. Ela não aceitou.

ROBERTO – E, no entanto, era uma explicação abrangente, boa para ela e para mim.

AUGUSTO – O Domingos é que tem um grande talento para a explicação.

DOMINGOS – Não passo do primeiro passo sem a sua ajuda, Augusto.

AUGUSTO – Podemos pensar aqui, nós os três.

ROBERTO – Não, não quero. Obrigado, mas não.

(AUGUSTO vai argumentar, insistir, mas DOMINGOS faz-lhe sinal para que não continue) Estou em viagem. Estou de passagem. Há uma maneira de saber, mas para saber teria de me denunciar, envolver as autoridades, pescar o homem, identificá-lo, perder tempo, sofrer consequências de um acto que, não tendo cometido, cometi. E ter de explicar a uma gente pouco compreensiva porque não quis denunciar-me antes.

AUGUSTO – Porque havia de se denunciar, se não fez nada de condenável?

ROBERTO – Se não fiz nada de condenável, porque não me denuncio?

DOMINGOS – É verdade que os agentes da autoridade têm o culto da suspeita.

AUGUSTO – O pensamento deles é todo virado para a resistência. A contradição.

DOMINGOS – E é nesse espírito que investigam e julgam chegar à verdade!

AUGUSTO – Não compreendem o valor da pesquisa colaborativa.

DOMINGOS – De que nós os dois...

ROBERTO *(interrompe)* – É incompreensível ser escolhido por um desconhecido para praticar um acto que vai contra a minha natureza. Isso é bom para os heróis! Ela é a filha, se for a filha, ela que faça o que entender.

DOMINGOS – Ele há-de estar em paz.

ROBERTO – Não se sabe.

AUGUSTO – Especulativamente, diria que o homem da montanha era de facto o pai que a atraente senhora procura ainda. Tem de haver aqui uma coincidência.

DOMINGOS – Uma serra não comporta mais do que um mistério de cada vez.

AUGUSTO – Em termos estatísticos seria uma aberração. Mais do que uma estranha ocorrência faria do sítio uma espécie de montanha mágica. *(Para ROBERTO)* Está correcta a minha hipótese? Era ele?

ROBERTO – A fotografia era antiga. Estava de óculos escuros! Estava irreconhecível.

AUGUSTO – Mas reconheceu-o?

ROBERTO – Eu queria muito reconhecê-lo.

DOMINGOS – Então era ele. Se você quisesse muito reconhecê-lo e mesmo assim não o conseguisse, aí talvez houvesse lugar para dúvidas.

AUGUSTO – E ela? Teve alguma certeza?

ROBERTO – Não sei.

AUGUSTO – Talvez ela prefira continuar à procura?

ROBERTO – “Se Deus gostasse de mim, não tinhas entrado aquela porta”, foi o que ele me disse, no fim.

(DOMINGOS e AUGUSTO riem-se).

Esteve a noite toda a ser desagradável para ver se conseguia que eu me fosse embora, e eu toda a noite a aguentar, julgando que ele se sentia sozinho, que se portava de forma estranha porque tinha perdido o hábito da convivência.

DOMINGOS – Agora acabou.

AUGUSTO *(sobre a vista que vêem)* – Que bonito!

DOMINGOS *(sereno)* – É uma beleza.

ROBERTO – Nunca tinha aqui estado. Aquele navio...

AUGUSTO – Ele gosta tanto, Domingos, se você não se importa, eu dou-lho...

DOMINGOS *(interrompe)* – Não. Não. *(Com autoridade, definitivo)* Não.

(AUGUSTO recua, cala-se. Traçam a perna, contemplam o esplendor da Natureza. O dia acaba.)

FIM



centro de
dramaturgia
contemporânea